



BIBLIOTECA MÁRIO DE ANDRADE

PROJETO MEMÓRIA ORAL

CARLOS GUILHERME MOTA

Hoje, 27 de setembro de 2007, a Biblioteca Mário de Andrade registra o depoimento do historiador, professor e pesquisador, Carlos Guilherme Mota, para o Projeto de Memória Oral da instituição, iniciativa esta que vem sendo desenvolvida com o objetivo de resgatar a história da Biblioteca Mário de Andrade de uma forma matizada, através de narrativas orais de seus mais diversos protagonistas: antigos funcionários, diretores, colaboradores, pesquisadores, artistas e intelectuais. Na direção da captação áudio-visual deste registro está Sérgio Teichner e na condução do depoimento, Ana Elisa Antunes Viviani.

Ana Elisa: Bom dia, professor.

Carlos Guilherme Mota: Bom dia.

AE: Nós gostaríamos de iniciar o depoimento, pedindo para que o senhor contasse um pouco sobre o seu *background*, sobre a formação dos seus pais, as escolas em que o senhor estudou e se havia alguém na sua família que, de uma certa forma, influenciou o seu interesse por História.

CGM: Com certeza, houve muita gente que me influenciou na minha trajetória e, sobretudo, meu avô, que era um escritor. Não era um escritor do primeiro time, mas tinha aquela... era amigo do Monteiro Lobato, deixou romances, um deles tem aqui, que eu já encontrei, na Biblioteca Municipal Mário de Andrade. Ele foi um lutador do ensino primário. Os professores do ensino primário naquele momento eram muito bem articulados, muito bem formados pelas escolas normais.

Nós morávamos no Cambuci. Eu vivi os primeiros doze anos da minha vida na Rua do Lavapés. Eu não sabia que era praticamente vizinho do pintor Volpi. Anos depois foi que fiquei sabendo que tinha aquele vizinho ilustre. Tinha outro vizinho ilustre também, a três quarteirões, chamado Jânio Quadros, mas também ele era um professor do secundário, como se dizia, e só com o tempo nós fomos perceber essa vizinhança tão notável, sobretudo o Volpi, mais notável ainda.

Nossa família era uma família de professores: minha mãe, normalista e, como todas, tocava piano e tocava muito bem, não chegou a concertista, mas aquelas mulheres eram muito aplastadas naquele momento, então, não dava para fazer a carreira que talvez merecessem. Eram pessoas de classe média, média para baixa, e pessoas bem formadas com muita...

Lia-se de tudo em casa, quando eu era moleque: Érico Veríssimo, todo Jorge Amado, aquele primeiro Jorge Amado, o melhor dele: *Jubiabá*, *Capitães de Areia*, etc... Lia-se também o *Clube do Livro*. Os escritores que haviam ganhado o Prêmio Nobel estavam lá na coleção do *Clube do Livro*. Chegava, acho que um livro por mês, no mínimo. Então, tínhamos todos... Knut Hamsun e outros escritores que depois nós fomos ver a importância de todos... Machado de Assis, esses clássicos, sem dúvida.

Essa vida no Cambuci me deu muito a ideia da cidade. A Rua do Lavapés era uma rua quente: você desce a Praça João Mendes, onde tem o Fórum, antes tinha a Praça Clóvis, que cheguei a frequentar, Praça da Sé, aqueles restaurantes, assistir aula... O centro da cidade era aquilo, era lá. Então, ir ao centro para mim quase que dava para ir a pé, tinha os bondes.

Meu avô, eu percebia que ele tinha uma atitude muito interessante, o Máximo de Moura Santos. Ele foi uma autoridade da época no ensino primário, chegou a ser Secretário da Educação da Prefeitura e foi também exilado, foi desterrado. Ele tinha muitas opiniões, era um voltairiano, ele lia muito Voltaire e era laico, como eu sou laico e isso é uma coisa forte. Todos nós, que passávamos por ali, ou éramos de direita religiosa, católica, reacionária ou então éramos laicos. Socialistas e comunistas eram mais vagos para nós. Éramos laicos: escola pública laica, a universalização do saber e, como o meu avô, o Máximo de Moura Santos, era muito irônico, um Voltaire, foi desterrado para Ubatuba, que era um lugar muito longe, fora



da circulação. Isso foi nos anos 1920, eu nasci em 1941. Mas sempre ficou essa história na família: “Por que Ubatuba?” Tanto é que havia uma casinha na praça central de Ubatuba, e meu avô foi ser professor primário lá.

Ele era autoridade, ligado a Sud Mennucci, d’*O Estadão*, e era meio brigão. Ele era encenqueiro, na verdade. Aliás, uma coisa que tinha antigamente, que é importante saber, é que esses intelectuais eram professores encenqueiros, porque nós vamos falar do Sérgio Milliet, que era um discreto encenqueiro, um homem que vivia a contra pêlo das coisas, só que, suavemente. O meu avô que tinha esse registro de um tipo de personalidade da época muito interessante; eles usavam terno, mas aquelas camisas escuras, quadriculadas, gravatas escuras, ficava uma figura que podia estar no sul da França; eram muito afrancesados, todos eles. Falavam francês, não falavam inglês, nada; você podia falar *good morning*, que eles não entendiam nada. Essa coisa de *layout*, *copydesk*, *follow up*, *download*, isso aí nem para mim entra direito, imagina para eles, afrancesados! Às vezes saía uma palavra em francês no vocabulário dessas pessoas: um *déjà vu*, *en passant*, tinha muita expressão francesa, muito interessante isso, todos meio afrancesados.

Mas, então, esse meu avô fumava um cigarro que era o *Douradinhos Extra*, forte, e ele usava essas camisas escuras e era um homem que eu sabia que era do combate pela escola pública. Fez coisas, por exemplo, união de cônjuges. Os professores, antigamente, um ia parar em Pindamonhangaba, o outro ia para o fundão do Estado de São Paulo. Ele fez a lei que..., às vezes era como punição: o marido vai para um lado e manda a mulher para o outro na escolha das cátedras, dos postos de professor. Ele fez a lei que obriga: um puxa o outro, então, muita gente depois veio me agradecer, anos passados: “Olha, o seu avô, eu devo a ele”. Mas era um brigão, um encenqueiro, como eu dizia. E ele fumava esse cigarro *Douradinhos Extra* e usava essa camisa.

Depois eu vim encontrar exatamente esse tipo humano, físico e afrancesado aqui, na figura do Sérgio Milliet, aqui na Biblioteca Municipal Mário de Andrade. Não era semelhança assim..., primeiro tem a geração, mas também um intelectual muito mais modesto, claro, o meu avô, modesto, e que ironizava muito as coisas. Era um cético, mas era um cético alegre. O Sérgio Milliet, depois eu fui descobrir, era um cético, no sentido filosófico do termo, mas um cético, digamos assim, de perfil mais



baixo, mas muito atuante, os dois muito atuantes e só com o tempo é que eu fui perceber essa semelhança, eu quase diria que quando eu vim trabalhar... Bom, quando eu vim trabalhar na Biblioteca Municipal é que eu percebi que eu tinha uma espécie de avô aqui, dirigindo a Biblioteca Municipal, só que um intelectual mais conhecido, tradutor do Sartre e da Simone de Beauvoir, mas isso eu vou falar depois, já é um outro momento da vida.

Você perguntou da formação. Eu fiz escolas públicas no Largo do Cambuci, o Grupo Escolar Oscar Thompson, bem no Largo do Cambuci. Hoje eu tenho uma aquarelinha, pintada pelo Volpi, da feira do Largo do Cambuci, mas não é o Volpi das bandeirinhas, é o Volpi do começo, da primeira fase, muito bonita aquela aquarelinha pequena, é o Largo do Cambuci.

AE: Eu trabalhei lá. Eu conheço bem o Cambuci.

CGM: Conhece bem o Cambuci?

AE: Trabalhei na Rua do Lavapés, inclusive.

CGM: Trabalhou? Não diga! E como é que a gente não se conheceu? Então você conhece as batidas da Juriti, não é? Porque outro elemento que vai entrar na nossa conversa sobre o Sérgio Milliet, aliás, sobre meu avô também: bebidas. Bebida é uma coisa fundamental para a cultura, e ter um bar. Eu recomendo a todos os pesquisadores que trabalham comigo, além de ler toda uma bibliografia pesada, a convivência, tem que ter um ponto, um bar, isso é fundamental. Sérgio Milliet tinha um bar, aqui atrás da Biblioteca Municipal. Não, o bar não era dele, a mesa era dele, a mesa cinco, famosa, que era a mesa do Sérgio Milliet. É um lugar de trabalho, onde se produz muita pesquisa, muita ideia, talvez mais do que na universidade, hoje. Uma mesinha só, com uns *Dry Martinis* e outras coisas que ele tomava. Era fantástico!

Bom, antes que eu esqueça, um dos livros do Sérgio Milliet se chama *Terminus Seco*, que é o nome de um aperitivo, de um *drink*; é o nome de um livro e é o nome do aperitivo que serviam no Hotel Terminus, que tinha um bar. Ah, os



bares de hotel! Ah, os bares de hotel! Eu peguei alguns aí, eu peguei o final, onde as pessoas circulavam pelos bares de hotel e faziam encontros para conversar, dar depoimentos de memória oral, essa coisa toda.

AE: Essa já na época...

CGM: Já mais para cá. Não, mas nem tanto: nos anos 1950, 1960. Mas, voltando à minha formação, do Largo do Cambuci, da Rua do Lavapés. A nossa família se mudou para o Ipiranga, eu já tinha uns doze anos. Eu fiz o Colégio Paulistano, na Rua Taguá, na Liberdade, e, em seguida, colegial no Roosevelt. O Roosevelt foi de fato a minha casa, mais do que a Faculdade de Filosofia, que é a minha Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. Não é esta que foi mutilada, que você conheceu, você fez História lá. É outra, é a Faculdade de Filosofia da Rua Maria Antônia: Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras.

Tudo o que nós discutimos hoje sobre interdisciplinaridade, multidisciplinaridade, transdisciplinaridade, ideologias, teoria da cultura, isso era a Rua Maria Antônia. E nós matávamos aula de História para assistir Florestan Fernandes, matávamos aula de qualquer coisa para ver antropologia, literatura, e aí nós víamos aquelas personalidades que eram Antonio Candido, Florestan, Octávio Ianni, o velho Fernando de Azevedo, de quem nós vamos falar já, porque o irmão dele, professor Francisco de Azevedo, foi quem sucedeu Sérgio Milliet na direção da Biblioteca Municipal, em 1959. E foi aí que eu entrei também.

Bom, a formação então eu devo muito ao Colégio Roosevelt, porque lá eu conheci meus colegas de turma, a Marilena Chauí. Naquela época nós tínhamos aqueles bailinhos, ela dançava, não muito bem, mas dançava. Festinhas interessantes, havia muito namoro, e aí eu peço para não ter que falar sobre esses colegas.

Havia um colega particularmente chato, mas era o primeiro da classe, o José Serra. Este não passava cola, mas era o primeiro da classe. E nesse colégio também estudou o Fernando Henrique Cardoso e a Ruth Cardoso, que foram alunos... E aí entra a segunda personalidade: o meu pai.



Meu pai foi professor do secundário, Deusda Magalhães Mota. Foi muito interessante. Mineiro. Uma família curiosa: de um lado tinha o meu avô, pai da minha mãe, e de outro lado tinha o meu pai, mineiro, que veio para cá no fim dos anos 1920, 1930, no fim dos anos 1920, na crise, de Guaxupé. A primeira noite ele passou na Estação da Luz e foi a Força Pública da época que o recolheu – um menino, um rapaz, de 15, 16 anos, de gravatinha, sapato furado, que a família perdera tudo em Minas. Não tinha muita coisa, mas acho que foi na crise de 1929, aquele momento de crise, aquelas fazendolas todas.

Isso tudo foi descrito muito pelo Jorge Andrade, o dramaturgo, meu amigo, querido, saudoso, que contou um pouco essa história da decadência de uma época em que as pessoas foram perdendo suas fazendinhas, aqui no interior de São Paulo também. Essa oligarquia... Nós não éramos oligarquia, embora estivéssemos perto da família Prado, perto por casamento de pessoas que trabalhavam com a dona Veridiana.

Somos assim uma lateral da aristocracia, mas bem lateral, bem modesta e, de outro lado, meu avô vinha de Guaratinguetá, meu querido Máximo de Moura Santos. Meu pai era militante do ensino secundário. Foi professor de História também. Foi um bom professor de História do secundário, era professor do Roosevelt. No Roosevelt nós tínhamos alguns professores que marcaram a todos nós, Chauí, José Serra. Nós fomos marcados por João Villalobos, pelo Deusda Magalhães Mota, que é o meu pai, por várias pessoas. O Fernando Henrique e a Ruth, quando ele ganhou o prêmio *Honoris Causa*, em Salamanca – eu estava lá, porque montávamos um centro de estudos brasileiros lá e o Fernando Henrique evocou essa lembrança de ter sido aluno do meu pai, e a Ruth. Eu também fui.

Havia uma marca em ser aluno desses professores, por uma questão freudiana. Eu acho que eu fui menos marcado por ele e muito marcado pelo professor de Filosofia, o Villalobos, que era uma figuraça. Não se esqueça que nos anos 1950 – eu estou falando dos anos 1950 – o mais jovem, a referência era o James Dean, e o mais velho era o Marlon Brando. Esses professores também eram marcados por essas figuras, Humphrey Bogart, etc. Então você não sabia muito bem se você estava tendo aula com o João Villalobos ou com o Marlon Brando, a aula de Filosofia, os trejeitos, as figuras, as aulas aos sábados. Eu me lembro que um dia o



João Villalobos fala coisas assim, olhando para toda a classe: “Vocês não sabem que estão vivendo na mesma cidade de Florestan Fernandes?”.

AE: Ele já falava assim?

CGM: Já falava assim. Eu acho fantástico, e isso no colegial! Quer dizer, hoje eu faço força na pós-graduação para dar Florestan Fernandes como livro básico, obra básica e nós tínhamos notícia desde o colégio. No colégio nós já tínhamos Gilberto Freyre, *Os Sertões*. Líamos *Os Sertões* e era interessante, porque aquela violência toda, eu ficava chocado. Líamos Jorge Andrade. E tinha uma coisa que nos formou muito, e aí que lateralmente vai entrar o Sérgio Milliet: todos nós, um amplo grupo do colegial, éramos uns quinze ou vinte, todos por aí espalhados... Eu falei só da Chauí e do Serra, mas tem tanta gente: Sedi Hirano, Ulisses Guariba, Heleni Guariba, que, aliás, foi a melhor da nossa geração. A saudosa Heleni, ela que foi para a luta armada e foi morta, metralhada, e até hoje não se achou o corpo. Ela tinha um ponto em comum com o Sérgio Milliet também, curioso... Ela dizia: “Você que trabalha com o Milliet na Biblioteca...”. Ela até já quis usar aqui a Biblioteca como uma coisa assim mais à esquerda – eu estou falando isso dos anos de 1964, 65, 66. Bom, voltando ao ponto...

AE: Professor, essa escola fica na Praça Roosevelt mesmo?

CGM: Não, não. O nome é Colégio Estadual Presidente Roosevelt. Esse colégio ainda existe na Rua São Joaquim, na Liberdade. Na verdade, é uma seção do Colégio Pedro II, que formou a geração anterior, uma geração de cientistas, de físicos, com grandes professores. Na verdade, mandavam para o Colégio Roosevelt, na seção da Rua São Joaquim, os professores-problema, ou então, os medíocres, marginais e, na verdade, ficou um grupo interessantíssimo de professores. Seria o segundo time, mas, na verdade, esse segundo time formou muitos de nós que viemos para a Faculdade de Filosofia; outros foram para a Medicina, o Serra pegou o primeiro lugar na POLI¹. Ele era um católico chato. Depois ele foi para a JUC² e

¹ POLI: Escola Politécnica

² Juventude Universitária Católica



depois foi para a AP³. Depois foi exilado, eu respeito muito. O Serra é tecnicamente morto, eu já disse isso a ele (ele ficou pálido), porque ele escapou. Ele foi para o Chile, foi preso, e ficou lá no estádio onde praticamente todos foram mortos. Ele fez aquele gesto fantástico de pedir para ir ao *toilette*, foi embora e nunca mais voltou, quer dizer, conseguiu escapar. É fantástico! Eu tenho muito respeito por ele, pelo menos por esse aspecto, e muito inteligente, embora eu não tenha nada a ver com o “tucanismo”, nem dele e nem dos outros.

Bom, para sintetizar, essa formação, isso dava um clima político, intelectual, porque nós líamos também o *Suplemento Literário d’O Estado de São Paulo*. Era um suplemento muito importante para comprar todo sábado. Nós esperávamos o sábado e, no colegial e depois na faculdade, nós líamos. Um suplemento organizado por Décio de Almeida Prado, que era o coordenador, Antonio Candido, Lourival Gomes Machado e outros, Lívio Xavier, o trotskista. Eram figuras maravilhosas. O Luís Martins também participava. O Sérgio Milliet tem uma história muito paralela à do Luís Martins. O Luís Martins, depois vamos falar... E foi muito interessante porque... Sábado Magaldi, Jorge Andrade e todos... E havia desenhos: pintores e desenhistas. Todo número tinha, ou era Wega Nery, gente que fui conhecer depois aqui na Biblioteca, quando eu trabalhei aqui. Eu estava no colegial ainda, uma coisa... Mas víamos Takaoka, Manabu Mabe, Odetto Guersoni, que eu queria lembrar, uma figura que faleceu há poucos dias. Um homem magro, alto, que usava uma coisa que está na moda hoje em dia, aquelas camisas, paletós muito elegantes, camisas rolê, ou então aquela camisa hindu, ou indiana, que tem um botãozinho.

Aquilo para nós eram figuras diferentes. Note que eu estou falando de 1957, 58, 59. Em 1959 aparece o João Gilberto, sem barra na calça. Eu estou falando de bobagens, mas são detalhes tão importantes! Nós quebrávamos o padrão inglês, que tinha que ter aquela calça... E o Lúcio Alves, um dos pais da Bossa Nova, com o Dick Farney mais o Lúcio Alves, que fazia programas de música, jazz. Eu cantava as coisas dele. Então, era o início da Bossa também – com um paletó sem gola, sem aba. Era um paletó elegantíssimo e foi o momento em que as barras de calça e as

³ Ação Popular



golas de paletó desapareceram. Quatro ou cinco anos depois os cabelos iriam crescer, e aí vai.

Bom, mas ainda estamos falando dos anos 1950, a formação. Nós já ouvimos muito falar da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. Muitos dos nossos professores do colégio, de fins dos anos 1950, eram jovens professores, mais ou menos jacobinos – tipo da Revolução Francesa, a campanha da escola pública. E conheci também, nos fins dos anos 1950, aqui na Biblioteca Municipal, foi a primeira vez que eu vi... A gente vinha participar aqui, nesta sala, nesse salão, neste auditório, de conferências. Eu me lembro que meu padrinho, hoje, de casamento é o Sábato Magaldi, e tinha uma luz, devia ser umas dessas aqui, que caía direto. Ele é um grande conferencista, amigo do Vittorio Gassman, que vinha aqui a São Paulo. Eu vi uma vez o Vittorio Gassman, que estava com o Sábato. O Sábato estava fazendo uma conferência e nós, vindo do colégio para cá, e o Sábato falando, acho que sobre o teatro de Ionesco, ou alguma coisa assim. Ele nos atualizava. A Biblioteca era um centro de atualização muito vivo, muito intenso. Eu me lembro de entrar nessa sala, sentar lá no fundo e ver o Sábato Magaldi aqui, e ele falava muito bem. Só depois que ele se transformou em professor, mas ele era jornalista, crítico de jornal, de teatro. Ele era menor; o Décio de Almeida Prado já tinha um nome maior. Devia haver outros no Rio e no Rio Grande do Sul. Sábato era o terceiro ou quarto mais importante e, hoje, sobretudo depois do falecimento do Décio de Almeida Prado, o editor do *Suplemento Literário*, o Sábato é o primeiro. Nelson Rodrigues, aquela coisa toda e ouvir aquele Sábato Magaldi, com uma luz caindo, pareceu uma coisa, uma cenografia fantástica! Falei: “Meu Deus, trata-se de um intelectual falando de teatro nesta cidade!”, e a Biblioteca, o centro dessa cidade, o centro intelectual não era a Maria Antônia, não era a POLI, não era a Faculdade de Direito, que eram famosas, mas aqui você tinha o charme, porque você saía daqui e ia aqui embaixo, na estátua, a musa, e você encontrava pessoas maravilhosas.

Vou lembrar de dois dos mais interessantes na minha perspectiva modesta: o Bento Prado Júnior, figura que eu escrevo e assino – o melhor filósofo do século XX do Brasil. Ele é o melhor, além do que um grande escritor. Era um grande escritor, o Bento Prado, e a outra figura mais interessante, possivelmente, ou como personalidade, páreo para o Bento, o Maurício Tragtenberg, que era este maldito



judeu: maldito, vírgula, judeu, vírgula, culto, vírgula, weberiano, vírgula, marxista, vírgula, anarquista, ponto, um homem modestíssimo. Ele inclusive encarnava um pouco essa imagem do judeu perseguido, de toda uma geração da Segunda Guerra Mundial, dos exilados. Mais ainda, ele vinha do Rio Grande do Sul e, quando chegou a São Paulo, isso eu não vi, mas fazia parte da nossa história: ele veio com macacão de operário, trabalhava em fábrica, o macacão sujo de graxa. Então, se disserem “os intelectuais da Faculdade de Filosofia nunca viram um operário”, eu posso dizer: “Um nós vimos”, que é o Maurício Tragtenberg. Depois ele mudou, mas isso fazia parte. Tudo isso que eu estou comentando fazia parte da mitologia desse momento. Então, havia gente muito brilhante, havia uma universidade flutuante por aqui, com conferências, debates, etc.

AE: Vinha muita gente do seu colégio?

CGM: Vinha, vinha sim. Não era de “cair pelos ladrões” e, aliás, não havia tantos ladrões também naquela época, mas havia. Eu me lembro de ter assistido aqui em cima no auditório porque aqui em baixo estava lotado. Havia gente. Havia uma plateia de estudantes, mas também de senhoras, de gente que morava aqui pela cidade, porque a hemeroteca também aqui atraía muita gente. Os jornais, muita gente vinha ler jornal aqui. Em certo momento, não só por que os jornais chegavam cedíssimo, todos os jornais principais da cidade e alguns do país também, eu creio. E havia algumas revistas internacionais, também. Isso é uma tradição que precisa ser re-elaborada, resgatada, porque as pessoas vinham à Biblioteca para ler jornal, que é uma fonte fundamental para a história contemporânea, óbvio. Não preciso repetir isso, mas precisa repetir, porque, nesse país absurdo, a retomada desse espaço, como vocês estão fazendo, é algo fundamental para a cidadania.

Havia cursos também. Eu me lembro de cursos do Paulo Duarte sobre arqueologia. Paulo Duarte foi muito podado na USP⁴. É uma coisa interessantíssima, eu não posso deixar de falar já, porque senão eu esqueço. Esse é o problema da história oral, não é? A professora Daisy talvez queira fazer um contraponto. O seguinte: Sérgio Milliet, Paulo Duarte que, aliás, o Sérgio Milliet era casado com a

⁴ USP: Universidade de São Paulo



irmã do Paulo Duarte, dona Lourdes; Caio Prado Júnior, e eu lembraria mais quatro ou cinco nomes: Luís Saia, do Patrimônio Histórico, aquele que fez a *História da Cidade de São Paulo*, o Ernani Silva Bruno e algumas outras pessoas nunca foram chamadas para dar aula na Faculdade da Universidade de São Paulo. Nunca foram chamadas para dar aula na Universidade de São Paulo! Eram marginais em relação a... Sérgio Buarque convidava o Caio Prado no Departamento de História, mas para fazer uma conferência ou outra, nunca para ser o professor. “Ah, no fim da vida, no fim da vida”, no fim da vida já estavam todos no fim da vida, então é melhor deixar isso de lado. O Paulo Duarte – isso está nos documentos – ajudou a criar a Universidade de São Paulo, a discutir e a criar a Universidade de São Paulo e nunca foi chamado. Paulo Duarte depois montou uma revista, a *Anhembi*, uma belíssima revista e a editora. Eu acho que a USP, na mesma época, nunca fez nada igual: uma revista de variedades e ao mesmo tempo de artigos densos e de profundidade. O Caio Prado..., Sérgio Milliet participou da formação das ideias junto com o Júlio de Mesquita, o doutor Julinho, que eu conheci, que ajudou a formular a Universidade, nunca foi chamado. Então isso é uma dívida que nós temos aqui quando se faz uma recuperação, re-elaboração, revitalização da memória, como vocês estão fazendo, e é preciso não só dizer isso, mas denunciar isso. Não vamos denunciar só o presente, vamos denunciar o passado também. Acho isso importante. A geração de vocês felizmente está acesa, está viva, fazendo, mas eu acho que isso deve ser reconsiderado. Eu tenho insistido nisso em minhas conferências, em meus debates.

Outra coisa que se fazia muito, e que nos marcava no colegial – estou falando, o meu colegial foi em 1957, entre 1956 e 1959, quando despontavam figuras como Celso Furtado, a SUDENE⁵ é de 1959, só para localizar na época – reformismo, desenvolvimentismo, populismo, descobria-se as ligas camponesas, descobria-se o que *Os Sertões* estavam falando, o Euclides da Cunha estava lá presente, o Guimarães Rosa, em 1956, com o *Grande Sertão: Veredas*, aquilo foi um impacto.

AE: Posso fazer um... justamente nessa época que teve o suicídio do Getúlio Vargas...

⁵ SUDENE: Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste



CGM: 1954.

AE: ...o início da formulação de uma capital que ficava em uma região completamente inóspita...

CGM: Brasília teve um papel importante.

AE: ... e a comemoração do quarto centenário da cidade.

CGM: É, é verdade. Eu acho que foi muito marcante, você tem razão. Eu acho que é um ponto, sim, a ser comentado. De 1954 a 1960, vamos dizer, nesse período, em primeiro lugar, com Getúlio... É interessante falar isso a partir de São Paulo, porque São Paulo sempre foi muito antigetulista e mesmo esse grupo, Sérgio Milliet, *O Estadão* eram antigetulistas. Melhor era o Lacerda, não para o Sérgio Milliet, mas São Paulo, a UDN⁶, havia um clima oligarquizante, conservador. O Brigadeiro Eduardo Gomes é que era o bom, e a nossa Faculdade, que se criou à sombra disso, mas um pouco contra. Já há um pensamento radical de classe média lá e era esse pensamento radical de classe média que veio frequentar a Biblioteca e circular por aqui. Getúlio, às vésperas de sua morte, deixa de ser um líder de partido para ser um líder de massas, ele explicita isso e o cerco também se fecha e hoje está provado que o tiro que matou o tal Coronel Leonardo foi dado pelo próprio Lacerda. Isso foi um golpe. Havia também um clima assim antiimperialista também, mesmo para nós, filhos de escolas públicas, mais ou menos jacobinas, depois da Faculdade de Filosofia, nós éramos... O conceito de imperialismo estava no ar e de reformas também e, com o Celso Furtado, de desenvolvimentismo. Os temas de subdesenvolvimento começavam a dominar o ambiente nesse período que a gente está comentando. Passava-se de uma consciência amena de atraso para uma consciência de país subdesenvolvido, como apontou o professor Antonio Candido. E aí se politizava, quer dizer, ser subdesenvolvido, discutir o subdesenvolvimento já era um traço político-cultural que nos unia a todos.

⁶ UDN: União Democrática Nacional



A Biblioteca teve um papel ainda muito importante e Sérgio Milliet ainda era o diretor até 1959, porque aqui se fizeram congressos muito importantes, que nós acompanhávamos também distantemente ou mais ou menos. Nos anos 1950, a Biblioteca aqui foi frequentada em congressos, por exemplo, por Fernando Braudel. Acho que foi a última vez que ele esteve aqui. Veio e ficou pouco. Eu morava ali na Rua Padre João Manuel. Havia um bar ali embaixo, perto do Clube Paulistano. Além disso, aqui nós tínhamos alguns antropólogos, como nesses congressos internacionais da UNESCO⁷, por exemplo, o Metreau, o Raul Sheer (ele era uma figura), e estava aqui o Raul, vários outros antropólogos, sociólogos, Florestan Fernandes debatendo. Os anais desse congresso internacional estão publicados e acho que valeria a pena uma reedição pela Biblioteca Municipal, porque foi aqui que aconteceu.

E muitos escritores... e aí o Milliet atraía essa gente, como intelectual muito mais aberto do que os que tínhamos na USP, na Faculdade de Filosofia, inclusive. O Milliet trazia Robert Frost e o William Faulkner. O William Faulkner viveu, veio aqui e ficou pouco, nem sei se ele percebeu que estava em São Paulo, porque bebia muito *Dry Martini*, talvez essa tenha sido uma das razões pelas quais, numa dessas noites, o Sérgio Milliet o convidou. Ele ficava naquele Hotel Terminus, precisamente na Avenida Ipiranga, acho que ainda tem a placa lá, na famosa esquina da Avenida São João com a Ipiranga – já houve outras efervescências culturais, além das que o Caetano Veloso apontou. Aquele canto ali era fantástico, o Terminus. É conhecida a história. Eu me lembro, eu estava no colegial e a gente ouvia “Ah, o William Faulkner está aí...”. Tinha um texto dele que a gente citava em Francês: *tandis que j'agonise*, “enquanto eu agonizo”, era uma coisa meio existencial, forte. Quem fez isso no teatro foi o James Dean, no teatro, não no cinema, e a gente sabia da existência de tudo isso. E quem estava em São Paulo na Biblioteca? Quem mais? William Faulkner. Sabe-se da história que o William Faulkner chegou com o Turmo, com o Forster, não lembro quem mais. Com a turma, ele foi em bares, bares e bares e foram para o hotel, depois de bares, bares, do aeroporto para o bar e caiu morto lá. No dia seguinte, ele acorda, abre as janelas para a Avenida Ipiranga e olha, olha, olha e diz essa frase: “Meu Deus, perdi o avião!”. Ele era de Chicago e pensou que

⁷ UNESCO: *United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization*



estivesse ainda em Chicago! Umas histórias maravilhosas desse tipo, mas tudo polarizado aqui.

Quando você entra aqui na Biblioteca Municipal, a Diretoria era naquela saletinha, quando você entra ali ao lado, no fundo, ao lado da hemeroteca. Dali você olhava o Bráulio Gomes, o engraxate amigo do doutor Sérgio, mas que tratava o doutor por Sérgio, perguntava da política, “O PTB⁸ está indo muito mal, não é Sérgio?”.

Quer dizer, havia um clima que é indescritível, porque havia uma densidade aqui. Os alunos do colegial, vindo nessas mesas, muito organizadas, uma Biblioteca absolutamente atualizada, e mais, uma Biblioteca também clássica. Dá para fazer essa história, hoje, com calma, datando os momentos em que essa Biblioteca foi... Houve muita compra de livros, atualização de acervos, não só os livros que estavam saindo. Por exemplo, Dalton Trevisan saía e já tinha aqui. Aí já vinham: “O Dalton Trevisan tem aí?”. Clarice Lispector saiu, estava ali. Você podia acompanhar, e eu estou falando da sala do colégio, da sala do Colégio Roosevelt. As professoras de literatura indicavam e, quando se dizia: “O livro não...”, elas respondiam que o livro estava na Biblioteca Municipal. Drummond completo, tudo, em suma, você tinha toda... Proust, aquela coleção traduzida pelo Mário Quintana, um volume. Outro era o Carlos Drummond, propriamente... Fantástico aqui! Havia uma efervescência, em suma, e a Biblioteca polarizava esta efervescência.

Então, minha formação, pergunta inicial sua, se deve muito a esse clima, onde você saía... Estou falando do meu avô, professor primário, ligado a Sud Mennucci, no tempo da campanha da escola pública, à formação dos professores. Caetano de Campos era referência, mas tinha escola... Itapetininga... esse “interiorzão” todo, com aqueles prédios da Primeira República: “Grupo escolar fulano de tal...”, lá em Araçatuba, eram todos muito bem organizados, aquelas professoras. Havia aqueles inspetores de ensino, que eram figuras bem parecidas com meu avô e com Sérgio Milliet, que eram funcionários contratados pelo Estado que iam fazer a inspeção das salas de aula no colegial, no grupo escolar. Eu me lembro, no Colégio Roosevelt, com tantos professores, você ter um inspetor, um senhor corpulento, um

⁸ PTB: Partido Trabalhista Brasileiro



humanista, sentava-se ao fundo da sala para inspecionar a aula, mas não é isso, inspecionar, quer dizer, era preencher uma papeleta e estava tudo bem.

As pessoas iam bem, e era uma coisa, e nós tínhamos já, a essa altura, umas figuras aqui associadas, aqui, muito queridas, que aqui na Biblioteca, repito, centralizando tudo. Você tinha *O Estadão*, a Livraria Francesa, a Faculdade de Filosofia na Rua Maria Antonia, a Escola de Sociologia e Política, aqui no Largo Leopoldo Fróes. Tinha o Mackenzie, que era uma escola muito respeitável até por que os professores da USP não tinham tempo integral, então davam aula na USP, na Filosofia, e faziam o outro meio tempo lá no Mackenzie. Com o tempo integral que foi separando, houve um conflito, mas que hoje já está superado. De toda forma, você tinha um clima aqui.

Depois você tem os teatros também, o TBC⁹. Eu cheguei a ver o Walmor Chagas aqui, lendo textos, e a Cacilda Becker. Eu nunca vi a Cacilda Becker, isso é uma falha terrível na minha biografia, mas foi bom não tê-la visto também, certamente eu teria me apaixonado, como todas as pessoas que a conheceram.

AE: E o senhor frequentava bastante? Ia ao teatro, ia à cinemateca?

CGM: É muito interessante esse ponto, porque frequentávamos, quer dizer... Mas eu estou falando de uma classe média muito modesta que não tinha... Não sei como a gente ia ao teatro. A gente ia ao TBC e ponto. É verdade que eu ia pelas mãos de uma tia, madrinha minha, filha do Máximo, solteira, que levava. Sim, tinha a Cultura Inglesa, tinha a Aliança Francesa, não sei como a gente fazia isso. O salário era tão modesto e tão precário tudo, mas nós frequentávamos teatro e fazíamos... Por exemplo, lembro-me do TBC. Depois, quando veio o Arena, nós ficávamos mais no Arena e depois o Teatro Oficina, mais no Oficina. Ao longo... entre 1955 e 1970, vamos dizer, é que nós tivemos momentos da nossa formação, digamos assim; de frequentar teatro, pouco. Não dava para frequentar muito, mas frequentávamos. O Guarnieri, já nos anos 1960, já era uma figura.

Mas a Biblioteca centralizava tudo isto: o acervo atualizadíssimo. O clima que se respirava nessas salas, nesses fichários e com aquelas figuras, com o Sérgio

⁹ TBC: Teatro Brasileiro de Comédia



Milliet, pontificando aqui, a gente sabia que tinha Sérgio Milliet aqui. Ele não falava muito, era um homem que falava à noite, ali no bar, após alguns *Dry Martinis* – use no plural, sempre, *Dry Martini* é um aperitivo que se lê no plural. Nunca você convida alguém para tomar um Dry Martini, é: “Vamos tomar uns Dry Martinis por aí?”, entre outras coisas.

Bom, mas o Sérgio, o doutor Sérgio, ele polarizava esse universo todo, porque, como diz Antonio Candido, na apresentação do *Diário Crítico* do Sérgio Milliet, o Sérgio Milliet foi um homem-ponte entre aquela geração dos modernistas, mas, sobretudo, aquele pessoal, já dos anos 1930, vamos dizer, e para a nova geração dele, Antonio Candido, que nasce e emerge no fim da Segunda Guerra Mundial: Antonio Candido, Paulo Emilio, Décio de Almeida Prado, Lourival Gomes Machado, o Grupo Clima, que vocês editaram tão bem aqui no Boletim Bibliográfico. Esse Grupo Clima e outros que surgem daí, é o Sérgio que faz a ponte. O Sérgio tem um papel muito importante, muito mais do que acho hoje que é o do Sérgio Buarque de Holanda, do Caio Prado, que considero como o maior historiador do século XX.

O Sérgio é a maior personalidade intelectual deste país no século XX. Por quê? Porque ele faz uma ponte entre a geração modernista e aquele momento dos anos 1930 e 1940, depois. Faz papel de ponte, dupla ponte, quase um viaduto, eu diria, com a própria geração do pensamento radical da classe média. O Sérgio vai indo discretamente para a esquerda, com o tempo. Em 1922, Sérgio Milliet escreve e Sérgio Buarque têm um grande papel no sentido de serem os grandes atualizadores. Eles chegam, em 1920, 1921, não sei. Eu sei que o Sérgio Buarque desce do Rio de Janeiro, com o Ulysses do Joyce debaixo do braço – aquele impacto. Então, tem uma história. Sérgio Milliet chega com tudo, chega com o *Quartier Latin* inteiro, chega com a Suíça, com uma série de amigos: Brandson e tantos outros. Quer dizer, o Sérgio Milliet, eu acho que é mais generoso, diga-se, ele gostava de fazer a ponte, mas não tinha muito essa noção de: “Vou fazer a ponte”. Ele fazia isto navegando, como grande intelectual que ele era, muito simples, um homem muito simples, muito discreto, namorador como ninguém.

É difícil dizer quem não era namorador naquela altura – Vinícius de Moraes, essa geração toda era muito romântica e as mulheres também. Antes de entrar aqui,



eu passei para cumprimentar a Maria Eugênia Franco, que não está, hoje. Maria Eugênia, que neste último livro meu, que está saindo, *História do Brasil de Ponta a Ponta*, deu um depoimento magnífico, uma mulher magnífica, que criou essa Sala Sérgio Milliet, que está aqui em frente. Bom, isso para dar um clima, mas você vê que a sua pergunta não termina.

No fim do colegial, quando eu tinha 18 anos, consegui um empreguinho. Eu já dava algumas aulinhas, fazia isso, fazia aquilo, já morava no Ipiranga, ali na frente do sobradinho que eu morava no Ipiranga. O Serra morava na Móoca. Havia uma biblioteca municipal, havia uma rede de bibliotecas municipais de bairro: Santo Amaro, e tinha uma no Ipiranga, na Rua Bom Pastor. Conversando, eu percebi que dava para entrar como auxiliar de escritório para trabalhar lá, porque era conveniente. Eu estudava a noite, eu já dava algumas aulinhas e a biblioteca era ótima, tinha um ambiente muito calmo, muito frequentada e muito bem frequentada pela modestíssima pequena e média burguesia do Ipiranga e adjacências: Vila Prudente, fábricas.

Havia umas salas de consultas em cima e eu fui designado para cuidar da sala de consultas, com dicionários, com livros. De vez em quando, falhava, e eu tinha de descer e ficar ajudando a catalogar livros no fim da noite, colocar livros na prateleira. Eu, naturalmente, metido já com aquela geração do Roosevelt, colega do Serra e da Marilena Chauí, nós tínhamos um “Eu, colocar livros na prateleira? Que coisa! O que é isso?”. Meu avô foi um famoso educador, embora mal tenha descido da Rua do Lavapés, meu pai, professor. Fui colocar livros lá e eu aprendi a ver muita lombada de livro e acertei muito livro na prateleira, porque eu percebia que livro deslocado é livro perdido. Aprendi um pouco, mas sabia que tinha o Sérgio Milliet na Biblioteca Municipal, no centro, na matriz e a gente lia o Sérgio Milliet no Suplemento Literário do *Estadão*. Ele tinha algumas crônicas no *Estadão*, era uma personalidade da cidade, discreto, e tanto mais que eu sabia que havia uma tensão qualquer entre o grupo do meu avô, que era um escritor, como disse e repito, modestíssimo, a *la* Monteiro Lobato, mas mais para baixo. Ele era modesto, um homem do ensino primário. O Luiz Eduardo Magalhães estava me dizendo que tem uma cadeira, a dele, com o nome do meu avô, aqui na Academia de Educação da Escola Normal da praça, ali, onde é a Secretaria de Educação, mas havia uma



tensão, uma diferença. Eu vim trabalhar de repente: “Bem”, eu dizia, “preciso trabalhar, não posso mais ficar no Ipiranga, eu preciso me mudar”, até porque a Cidade Universitária, eu tinha que estudar para esse lado e me mudei, fui chamado para cá. O Sérgio Milliet estava terminando o mandato dele, a vida dele aqui, estava se aposentando, o doutor Sérgio. Fui chamado, fui trabalhar na torre, fui colocar livros outra vez lá e alguém fala que tem um rapaz universitário fazendo História e aí quem me chamou de fato foi o Francisco de Azevedo.

O Sérgio Milliet estava saindo e vem o professor, o Seu Azevedo. Nós os chamávamos de “Doutor” Sérgio e “Seu” Azevedo, que era um bibliotecário, professor aqui da Sociologia e Política, da Biblioteconomia. Eu fui tirado da torre para ser atendente. O que eu seria?: um “secretarinho”, não teria um nome próprio...

AE: Um assistente?

CGM: Isso, assistente. Assistente é um nome que eu mesmo me denominei, porque é preciso um nome mais chique do que auxiliar de escritório – aquela letra lá em baixo, para “assistente da direção”, aí já é um *plus* a mais, grande. Aí tinha que entrar. O Sérgio, doutor Sérgio, não o encontrei de fato, nesse momento da mudança, mas o Seu Azevedo que precisava... Um homem elegantíssimo, morava na Praça Leopoldo Fróes, irmão do Fernando de Azevedo, que, para nós, Fernando de Azevedo era o rochedo, o criador da Universidade de São Paulo, o máximo do máximo, brigão, durão, amigo do Anísio Teixeira, um grande fundador, catedrático do Florestan Fernandes e Antonio Candido. Então esse era o Fernandão, doutor Fernando e aqui tinha um homem suave, macio, que pisa macio, elegantíssimo, sapato esporte, era uma novidade usar sapato esporte com terno, era maravilhoso, um homem perfumado. Ele me chamou.

Minha função era ficar de manhã, atendendo, e a outra função era receber as coisas do doutor Sérgio Milliet, do ex-diretor, que a correspondência volumosa chegava, chegava e chegava. Até que um dia, estou ali atendendo e o atendendo era quase nada, porque de manhã não tinha muito o que fazer. Eu chegava às sete da manhã, ia bater o ponto lá em baixo, entrava e saía. Ele me deu uma concessão para sair meio-dia, uma hora, porque tinha aula na Cidade Universitária. O que era



interessante é que um dos meus papéis era dizer: “O doutor Sérgio está aposentado. O professor, o Seu Azevedo, não virá hoje de manhã”, o que era minha frase básica, porque ele não virá mesmo, nem nessa, nem nenhuma... Quer dizer, o Sérgio Milliet às vezes até vinha e aí era festa para mim: eu sentado na minha mesa, todo arrumadinho, de gravata, todo arrumado, já me pensando intelectual. Como o Serra já se pensava Presidente da República, eu me pensava um Professor e a Marilena Chauí já se pensava a Filósofa. Marilena era um perfil mais baixo naquela altura. Eu sei que minha função era dizer: “Doutor Sérgio não virá hoje...”, doutor Sérgio se aposentou, eu não falava, havia uma norma elegante para dizer isso, não era “ele se aposentou...”, não era uma coisa de funcionário, um intelectual como Sérgio Milliet não se aposenta, era: “Ele não virá hoje e Seu Azevedo também não virá”. Às vezes ele vinha, deixava recado, eu tomava nota, tomava providências aqui.

Havia uma equipe de bibliotecárias aqui que pelo amor de Deus! Fantásticas! Essas eu conheci. E da torre para cá, eu fui promovido, então. Eu tratava algumas dessas bibliotecárias, bem, mas conversava com elas meio que executivamente, pouco. Dona Adelpha Figueiredo era bibliotecária, não sei se ouviram falar dela, era uma figura. Ela era bravíssima; a doce era a dona Noemia Lentino, bibliotecária também. Um amigo nosso era o Sidou Lopes, que também fez Biblioteconomia. Todos passaram pela Escola de Sociologia e Política e estavam mais ou menos ligados ao Seu Azevedo, que chegou até, eu acho, a ser diretor da Biblioteconomia, teve um papel lá. Creio que era o único lugar que formava bibliotecários era a Escola de Sociologia e Política. Bem, a dona Adelpha trabalhou em Washington, eram pessoas de muito nível, e essa grande personalidade que era a Maria Eugênia Franco, que era brava com tudo. Esse prédio aqui trepidava.

O doutor Sérgio, que tinha sido o grande articulador disso tudo, apenas “diretorava”, ele pairava. O Sérgio não andava no chão, ele levitava, pairava. Ficava ali, só, discreto, sempre com pilhas de livros debaixo do braço, que ele recebia na casa dele, ou no Pari Bar ou no não sei aonde. Uma figura maravilhosa, com seu paletó de *astracan* e aquelas camisas que eu já descrevi, aquelas camisas escuras e riscadinhas, gravata escura, geralmente uma gravata azul escura, um sapatão grosso. Era uma geração que usava, assim como o Montoro usava, um sapatão. O



pretexto era que aquilo evitava a umidade de São Paulo, evitava a tuberculose, que pegava todo mundo, mas eu acho que era um hábito que ele pegou na Suíça. Aliás, o apelido dele era “o suíço”, por causa daquele bigodinho dele. Aliás, o bigode dele tem uma história. O Manuel Bandeira tem um escrito que ele diz que queria ter o bigode como o do Sérgio Milliet. Na verdade as pessoas se mitificavam entre si, coisas que hoje nós reputamos banais e inúteis, mas não há nada tão inútil quanto um bigode, aliás, mas, não sei se era um narcisismo, era mais chiste entre eles.

Era uma relação também romântica, não só entre homens e mulheres, mas entre homens também. Entre mulheres eu não consigo perceber muito, mas talvez a Lygia Fagundes Telles pudesse..., que foi uma musa desse clima todo. Ela é uma figura maravilhosa, é uma mulher que foi naquele momento uma pessoa inovadora, uma mulher moderna, finalmente, num mundo onde só tínhamos Pagu, não sei quem, umas poucas... Tarsila...

Bom, voltando ao ponto aqui. O Sérgio Milliet conseguiu articular discreta e elegantemente e com certo ceticismo... Aliás, esse ceticismo é o que nos marca mais hoje, mas era um bom ceticismo, esse clima da Biblioteca. A gente sabia que tinha um diretor respeitável, respeitado internacionalmente, mas sem alarde. Aliás, o homem que menos fez alarde na vida, que eu já conheci, desses intelectuais todos, dessa geração, porque o Sérgio Buarque de Holanda discretamente deixava escapar: “Ah, eu estive lá, aquilo lá eu conheço...”, do jeito dele; o outro, o Vinícius, nem precisa dizer. Olha, o Sérgio é como o Manuel Bandeira, eu diria, mas era mais ainda, porque tinha um traço paulistano que é algo que estamos perdendo. Perdemos e acho difícil recuperar, que é um cavalheirismo, um *gentilhesse*, um *gentleman*: profundo, boêmio, romântico, namorador.¹⁰

AE: Professor, quando o senhor veio trabalhar aqui o senhor já estava cursando História na Maria Antonia?

CGM: Já estava fazendo História na Rua Maria Antonia. Foi em 1960 que eu entrei na faculdade. Eu acho que foi em 1959 que eu vim para cá.

¹⁰ Interrupção.



AE: Então já estava aqui?

CGM: Já estava aqui e depois entrei lá. Fiquei aqui de 1959 até 1963. Foram poucos anos, mas foram muito marcantes porque, em primeiro lugar, eu tinha um bom tempo para ler, visto que o doutor Sérgio não era mais o diretor, eu tinha, sim, que atender pessoas, mas era um atendimento leve, era quase que só para dizer: “Ah, esse problema é com a dona Adelpha”. Eu mandava tudo para os diversos setores, Obras Raras também, que estavam bem cuidadas naquele momento. Eu não sei como está hoje. Eu tenho queixas de colegas que dizem: “Ah, está difícil de consultar...”, é um problema meio “encalacrado” aqui, me parece. Não sei, hoje estou falando sem saber. Na época era um setor muito sério, quando se entrava lá era um silêncio absoluto, obras em edições Príncipes, e havia gente que frequentava aqui também, amigos do Sérgio, como o Rubens Borba de Moraes, pai dos bibliógrafos e dos historiógrafos.

Então foi nesse período que eu via essa gente e via até como se vestiam. Uma vez ou outra vinha o Julinho, como dizia o Sérgio Milliet, o doutor Julinho que vinha de manhã visitá-lo e ele não estava e eu conversava vez ou outra com o Júlio de Mesquita Filho. Depois, com o tempo, também não vinha mais porque sabia que Sérgio Milliet de manhã não existe. Nesse período, além de eu poder ler muito, também podia perceber como funcionava a Biblioteca, porque essas senhoras às vezes vinham, sentavam-se ali na diretoria e ficavam esperando o Seu Azevedo. Eu estranhava porque era “Seu” Azevedo e “Doutor” Sérgio e não “Professor” Azevedo, porque ele era o Seu Azevedo, irmão do professor Fernando de Azevedo, todos sabiam, e já o respeitavam também só por isso, não fosse ele um *gentleman*, um homem muito fino, muito delicado, ao contrário do Fernando de Azevedo, o “Fernandão”, que batia pesado.

O Fernando de Azevedo foi o homem, como todos sabem, que descobriu o significado profundo da “cocada preta”, era o homem mais, desculpe a fórmula, mas era o homem mais..., o homem tinha certezas, o homem tinha firmezas. Participou de várias coisas, umas delas foi o Manifesto da Escola Nova, co-redator com Anísio Teixeira; co-fundador da Universidade de São Paulo, e, às vezes, quando havia alguma coisa de nacional, o doutor Fernando de Azevedo (nós recorriamos aos



professores jovens de depois da década de 1960) escreve um manifesto à nação. Quer dizer, ele não tratava da questão específica da Biblioteca Municipal, ele falava da questão das bibliotecas no país. Ele escrevia muito bem. Muitas vezes eu via meu avô, professor mais modesto, que dizia: “Fernando de Azevedo é uma pena neste país!” – pena no sentido de que sabe escrever – e batia na mesa. Era um tipo de intelectual que batia na mesa, isso eu acho muito importante. Florestan herdou muito isso. Antonio Candido era mais discreto e muitos de nós herdamos essa coisa da defesa da escola pública, com essa imagem, que tinha Fernando de Azevedo à frente e Paulo Duarte, que também falava barbaridades para a nação, mesmo depois, durante a ditadura. Depois criticou a Universidade dizendo que o Conselho Universitário, o que tinha na Universidade eram “rinocerontes”, lembrando o Ionesco de *Os Rinocerontes*, isso escrito em letras garrafais nos jornais. Então, nesse período é que nos formávamos: de denúncias, de atitude crítica e de muito boa leitura. Eu acho que devemos talvez entrar em Sérgio Milliet mais de perto agora, que é o caso, não?

AE: Como você preferir.

CGM: É que estou meio navegando... Esses anos, de 1950 para 1960, essa passagem, não sei se foi pena ou foi sorte nós termos Sérgio Milliet na direção, porque eu o encontrei, digamos, já fora, e o professor Francisco de Azevedo, que era meticuloso, certinho, aquela assinatura dele, de vez em quando eu levava uns papéis para ele assinar, porque colocavam na minha mesa e eu tinha que levar e ele assinava com muito capricho, lia, um homem meticuloso. O Sérgio não, ele era um intelectual, assinava de qualquer forma, se dessem para assinar sua carta de demissão, assinaria com muito gosto, ele nem perceberia de fato.

Ele figurava em São Paulo como uma personalidade que paira, mas que está lá. Depois ele chegava, conversava, entrava, conversava um pouco com o Seu Azevedo, circulava um pouco, via as coisas dele, normalmente ia ao Setor de Arte, buscava a correspondência dele, que eu guardava – cartas que chegavam de toda parte do mundo, livros. Como eu disse, eu me beneficieei muito porque ele tinha muitos repetidos e eu tenho uma série de autógrafos a ele, como o do Gilberto



Freyre, Otto Maria Carpeaux e outras pessoas. Evidentemente eu perguntava se esse livro a Biblioteca tinha, ou eu mesmo ia verificar. Num caso ou outro, eu via que não tinha então não ficaria comigo, pois ia ficar meio sem sentido.

Sobretudo, ele, às vezes, se sentava na minha frente, numa sala, num sofá de couro, e eu na minha mesa (eu era um atendente, na verdade, assistente de direção). Ele não dava bola nem para isso nem para nada, era uma conversa, e às vezes até abria o jornal à espera, na hora do almoço. Ele ia para o Pari Bar e chegava onze e meia, meio-dia, e eu achava aquilo uma sorte poder ficar ali ao lado de Sérgio Milliet, que eu já lia no Suplemento Literário, acompanhava. O Sérgio, depois ele fez essa coisa: um dia fomos a uma exposição. A Avenida São Luiz era muito bonita, com árvores e tinha umas galerias de arte bem bonitas, da KLM, uma empresa de aviação, com exposições muito bonitas – sempre tinha Manabu Mabe. Uma vez teve Sérgio Milliet, os quadros dele. Ele não era, dizem, por exemplo, como Edla Steen, que editou este livro sobre Sérgio Milliet, muito interessante, com seleção e prefácio da Regina Salgado Campos. A Edla disse que ele não é um grande pintor – a Edla, casada com Sábato Magaldi. Eu discuto muito porque eu o acho um grande pintor, um dos maiores que conheci, pelo bom motivo de que ele me deu um quadro dele, porque um dia, eu mencionei que vi na KLM, e muito timidamente: “Doutor Sérgio, fui ver a exposição na KLM no sábado à noite, coisa da faculdade...” – e isso mostra bem o Sérgio Milliet, o tipo de pessoa que ele era – e ele perguntou se eu havia gostado mesmo, eu disse que sim: “Aqueles dois palhaços, que estão conversando, parecem que estão numa confissão, numa confiança profunda de fim de noite”. No dia seguinte vem o doutor Sérgio: sem me dirigir a palavra e nem o olhar, ele vem com o quadro embrulhado em jornal e deixa sobre a minha mesa. Você pode imaginar a emoção na hora que abri aquilo. Ele falou: “É seu”.

Isso me deu inspiração para ser professor e atender muito aluno. Às vezes estou dando livro sem querer e querendo, quer dizer, é uma atitude de uma generosidade fora do comum. Só ultimamente o Fábio Magalhães teve outra tão simbólica. Ele gostava muito do Sérgio Milliet, o Fábio Magalhães, o crítico, o historiador, o crítico de arte, o diretor do Masp. O Fábio um dia apareceu com outro do Sérgio Milliet para mim (eu acho um luxo isso) embrulhado também e falou:



“Carlos, você gosta tanto do Sérgio Milliet que eu acho que esse quadro na minha casa está sobrando”. Então, eu coloquei na minha casa um, dois Sérgio Milliet. Eu não acredito, nem a moldura eu troquei, uma moldura já mais batida.

É o tipo de personalidade que inspira você e, para mim, era muito paulistano. Ele era muito paulistano, era muito cosmopolita. Era muito cosmopolita e ao mesmo tempo era muito... Nós sabíamos que ele saía do Pari Bar na madrugada alta. Ele saía e ia para a casa dele, um apartamento dele, um “apartamentico” na Rua Apa. Eu não conheço quem tenha frequentado esse apartamento. Eu acho que só depois que ele morreu é que se descobriu que ele tinha dois ternos batidos, velhos, uns sapatos..., quase nada lá, mesmo sendo um homem sofisticado, mas tinha uma humildade total. Sabíamos que ele saía do Pari Bar e aí ele ia...

AE: Ele ficava sozinho no Pari Bar?

CGM: Não, jamais sozinho. Ele tinha amigos e um deles, que eu tenho de mencionar, é o Luiz Martins, que é outra figura. A Ana Luiza Martins poderia dar um belíssimo depoimento sobre o Luiz Martins, a ex-mulher dele, a viúva dele, e sobre o Sérgio Milliet também. Ela tem uns quadros do Milliet na casa dela, que eu sei, que eu nunca vi, mas tenho uma inveja danada, embora eu já tenha dois. O Luiz Martins frequentava o final de noite e conversavam sobre tudo, conversavam sobre o mundo, sobre política.

Eu me lembro desse período sobre política. O Sérgio era um socialista, socialista francês, do Partido Socialista Francês, que era a linha do Pierre Mandès France, que era um sujeito bem formado e tal, mas ele tinha um certo olhar para o De Gaulle também. Não que ele fosse um “gaullista”, mas achava que De Gaulle ainda ia ter um papel. E eu estou falando no final dos anos 1950 para 1960, na descolonização, na Guerra da Argélia, uma negociação, porque havia uma direita pesadíssima, uns generais, sendo que alguns deles vieram se exilar aqui em Campinas, uns generais “da pesada”, a direita francesa colonialista. O De Gaulle, dizia o Sérgio lendo o jornal, que o De Gaulle teria um papel importante. Um socialista tendendo a um “gaullismo”, o que não tem nada a ver com o Chirac, essa



gente toda que veio depois, mas estamos falando de grandes estadistas: Churchill, De Gaulle.

Então, esse Sérgio Milliet, baleado na madrugada, baleado no sentido de sair... Antes ele ia a um lugar chamado, não sei, Ferramenta. Isso é mitologia sobre o Sérgio Milliet: ele comia ovos fritos, um pouco de arroz e uma cachaça – “uma” é uma maneira elegante de dizer, porque essa era a alimentação dele – e com farinha de mandioca, que era um traço brasileiro dele: farinha de mandioca, cachaça, ovo e arroz. Essa coisa profunda, não é..., para nós não era uma descrição banal de um prato, era uma coisa que o Sérgio Milliet comia quando ia se restaurar para enfrentar o fim da madrugada e a manhã do dia seguinte. Tudo isso é muito forte. É uma bobagem, mas, ao mesmo tempo, não é uma bobagem, porque ele trabalhava muito, traduzia muito, e não se esqueça que naquele período ele tinha traduzido o Montaigne, a melhor tradução do Montaigne. Depois a Marilena Chauí refez, bem também, mas tinha aquela tradução básica, clássica, fundamental do Montaigne.

Ele era muito marcado por Montaigne, pelo André Gide, pelo Péguy, Paul Claudel e toda essa gente, sem falar daquele com os quais ele conviveu, como, por exemplo, o Blaise Cendrars e também um músico de jazz, o D'Jango Reinhardt. Em suma, ele era um homem que tinha uma visão mundial e ele foi também, depois, que ele foi para lá, dos Estado Unidos. Abriu toda uma discussão aqui, acolheu a crítica, a arte moderna.

Desde os anos 1950, ele vem militando nas Bienais. Ele é um homem fundamental para as Bienais, com o Ciccilo Matarazzo. Ele circulava redondamente, o que é uma coisa que nós perdemos, os universitários. Eu tenho uma tristeza tão profunda com a universidade... Você vai a *vernissages*, lançamentos, ver os quadros e tal e você não encontra os professores da universidade, que ficam em seus guetos, seus nichos, na sua vidinha pequeno-burguesa, medíocre, ao passo que Sérgio Milliet não era um grande aristocrata. Ele, na verdade, é de uma família de comerciantes. Sérgio Milliet da Costa e Silva passou apertado, passou fome; foi para a Suíça, é verdade, mas naquela época as pessoas circulavam mais do que hoje, com tantas bolsas. Só que o Sérgio trazia coisas. Ele foi dar aula de tango na Suíça para sobreviver, em bares e restaurantes – latino-americano, a moda era o tango.



Sérgio Milliet ensinou o tango, o que a USP não aprendeu, não sabe dançar o tango. Bom, para sintetizar, o Sérgio marcou isso.

Você me perguntou sobre a questão da Bienal de 1954, as comemorações também do Quarto Centenário, e Sérgio Milliet esteve dentro disso tudo. Ele se articulava, por exemplo, em 1954, com gente como Richard Morse, um grande historiador, boêmio como ele e que merece um ciclo de debates aqui, porque foi quem escreveu a *História de São Paulo*, em 1954. Escreveu sobre a comunidade e a metrópole, o que virou depois um livro maior, na década de 1960, *Formação Histórica de São Paulo*. Este livro e Richard Morse merecem um colóquio de uma semana completa aqui na Biblioteca Municipal. Este homem deu a primeira identidade, ele nem era *brazilianist*, ele era escritor do tipo que o Milliet gostava, porque ele escreve *História de São Paulo*, que é história, periodização, tudo correto, mas tem também a parte literária da História, coisa que os historiadores da nova geração não sei se todos têm isso.

Eu tenho impressão que o Sérgio é que atraía esse monte de gente, por conta dessa atitude que ele cultivava de ser intelectual, livre, laico; não diria socialista, mas socializante, democrático, em todo caso, observador. Quem lê O Diário lê que ele fez comentários críticos a Caio Prado e também a Gilberto Freyre. Ele vai comentando e abrindo espaço e faz comentários, sobretudo crítica de arte. Ele é o primeiro grande crítico de artes plásticas. Ele monta e articula um espaço que não existia aqui na Biblioteca, que é a Seção de Arte. Eu vi, quando trabalhei aqui no começo dos anos 1960, quantos colegas vinham aqui consultar a Seção de Arte, colegas arquitetos e urbanistas: FAU, Mackenzie, e outros. Artistas circulavam por aqui para fazer pesquisa, com *dibujos*, com desenhos, com pinturas mesmo – alguns clássicos que o Sérgio trouxe da Europa, e pintores que não eram tão valorizados no mercado, ou já eram valorizados e que o Sérgio trazia. Não esquecendo que o Sérgio, quando foi criada a Biblioteca, criado este edifício da Biblioteca, como o Mário de Andrade, Fábio Prado, ele foi mandado, eu não sei exatamente o ano, mas quem conta isso é o Paulo Prado nas *Memórias*, e talvez ele próprio no seu Diário Crítico, ele foi enviado à Europa, à Paris e à França, sobretudo, com Rubens Borba de Moraes, para buscar os clássicos: viajantes, cronistas, que nós tínhamos já aqui, o Taunay já tinha organizado, e tinha também



na biblioteca do Museu do Ipiranga, com todos esse viajantes e outros raríssimos. Ou então era na biblioteca do Ianni de Almeida Prado, ou então era por aí, não se tinha muito local para consultar. O Mindlin ainda não tinha essa fúria bibliográfica, já tinha um pouco, mas ainda não tinha desenvolvido. Estamos falando dos anos 1930, 1940, na verdade, e ele foi enviado a Paris com Rubens Borba de Moraes. Foram à Biblioteca de Saint-Geneviève buscar os originais para fazer edições aqui. Aqui nós tínhamos a José Olimpio, essas editoras, grandes editoras, com gente que pensava, lá dentro. Tem que recontar, fazer os documentos brasileiros, documentos históricos, publicar os anais não sei de quê. Eles trouxeram muitos desses textos. Eu não sei como é que eles trouxeram, se copiados, mimeografados, não sei como era o tipo de reprodução; fotografados, talvez. Sei que há uma narrativa histórica que precisa ser feita, *la petite histoire* deles, naquela Biblioteca Saint-Geneviève, que fica ali perto da Sorbonne, no Panthéon onde foram ali cavoucar, ali pelos sebos também. E parece que o Rubens Borba de Moraes era muito chato e o Milliet muito boêmio, embora os dois fossem *gourmands*, *gourmet*, vinhos, essas coisas todas.

AE: E se davam bem?

CGM: Eles se davam bem, acho que, nesse plano, com certeza. E é muito interessante porque você tem a crônica das missões. Imagina nós propormos hoje ao governo do Estado, ao governador José Serra, meu colega de colégio: “Doutor José Serra, nós vamos precisar enviar duas ou três pessoas a Paris porque tem mais documentos – sempre tem mais documentos – que precisava resgatar e editar isso. O diretor da Biblioteca Municipal Mário de Andrade, vamos fazer uma missão, o professor Carlos Guilherme, essa equipe aqui, que está fazendo esse trabalho de história oral, essa documentação. É preciso montar uma equipe e mandar para Paris, e não só, também para Madri, e não só para Madri, para Barcelona”.

Havia contato, essas pessoas se contatavam, Londres, Washington. Quem foi a Washington e ficou foi o Rubens Borba de Moraes. Agora, se você for a Biblioteca do Congresso, ele foi um diretor importante para a América Latina, e até hoje você tem a memória, e, se não me engano, tem até a foto dele, Rubens Borba, diretor da Biblioteca do Congresso, pondo ordem na Biblioteca, nos assuntos referentes à



América Latina. Os sucessores dele cultivam a sua memória, lá em Washington. Acho que está na hora já de colocarmos uma fotografia três por quatro dele aqui na Biblioteca Municipal.

Por isso eu estava preocupado com as fotos, com as gestões também, porque houve momentos fundamentais e, se você tomar a história da Biblioteca Municipal, a história do acervo da Biblioteca Municipal, você irá notar que o período de Sérgio Milliet foi de grande atualização dos clássicos. Tinha gente até da encadernação. Na Biblioteca do Ipiranga, eu me lembro, na biblioteca circulante, havia até um funcionário que era encadernador. Então, dava gosto: você doava um livro para a Biblioteca do Ipiranga, alguma coisa, como fiz várias vezes: eu, meu pai, meu avô, e logo o livro já estava encadernado, catalogado, classificado e consultado, que é o objetivo final do livro.

Então isso tudo são atitudes que só assim, com atitudes, que só com esse trabalho que vocês estão fazendo que se pode retomar a linha do tempo, ver onde houve rupturas, fracassos, amnésias, silêncios e depois retomadas. Eu estou crente, eu sou crente, eu acredito que esta cidade, primeiro que ela merece, segundo que ela mesma vai fornecer os recursos, vai dar o impulso novo que está vindo. Precisa de intelectuais do tipo, inspirações do tipo, como essa do Sérgio Milliet.

Você lê hoje, também a questão dos jornais, você lê hoje esses suplementos: *Mais!* e não sei o quê. Uma tristeza tudo isso, aquele *Alíás*. O Jornal do Brasil tinha um suplemento Ideias que era belíssimo, até vinte anos atrás, magnífico. Competiam, São Paulo e Rio, nesse nível alto. Hoje está tudo uma tristeza, você não tem um rebate da imprensa, no sentido desta questão crítica. Eu acho que, a partir de hoje, de uma instituição pública, pesada e histórica como esta, densamente histórica, nós podemos dar uma contribuição, uma alavanca forte na tal história da cidadania, a nova cidadania. Por isso seria interessante nós fazermos uma re-elaboração da história de São Paulo.

Na USP tem muita gente fazendo fragmentariamente a história de São Paulo, antropologia, mas não como um projeto grande. A USP tem que contar a história de São Paulo, não é um tema, não é um projetão. O Mackenzie tem um grupo pequeno que está começando isso, mas eu acho que é a partir da Biblioteca Municipal Mário de Andrade, com esse nome, com esse patrono, grande interlocutor do Milliet que



nós temos, são esses grandes interlocutores que nós temos, e não é por falta de padrinhos, não é por falta de panteão. Panteão nós temos, nós precisamos da “Revolução Francesa”, porque eles primeiro fizeram a revolução e depois é que tiveram o panteão. Nós já temos as figuras, só falta fazer a revolução aqui em baixo.

É isso. Eu não sei, eu teria muita coisa a mais sobre a formação do Sérgio. Ele chegou a dar aula um ano no Mackenzie, chegou a dar muitas aulas na Escola de Sociologia e Política, e não sei se isso está sendo comentado, ou se alguém mais comentou, mas valeria a pena.

Ele e o Roberto Simonsen trouxeram esses antropólogos importantíssimos lá, o Radcliffe-Brown, Hercowitz – todos esses grandes nomes da antropologia mundial estiveram aqui em São Paulo. Aqui também, as celas, eu esqueci de dizer das celas.

Tem esse nome ainda, as celas? Não? Uma das minhas funções era tomar conta da caixinha da diretoria, das chaves, porque é aquilo tudo o que um intelectual quer: um lugar para escrever, para pensar, para fumar, que possa pensar no centro da cidade. Eu posso me lembrar de várias pessoas. Havia uma seleção, não era tão exclusivo assim. Algumas pessoas vinham, requisitavam uma sala, por três meses, um ano, para escrever um livro, fazer uma pesquisa na Biblioteca e essa pessoa tinha o privilégio de, como em toda boa universidade norte americana, você tem um *privilège* (sim, se escreve assim: *privilège*) de fazer as análises do que está fazendo e tal. Agora, tem que ter cabeça para selecionar também, não é qualquer um que chega: “O senhor tem de estar fazendo um projeto, vai ter uma saleta aqui da Biblioteca e o senhor pode requisitar 15 livros por mês, por ano, por semestre, por período, vai ficar tanto tempo e vai escrever alguma coisa, vai pesquisar”. Então os livros sobem diretamente da torre e iam dela para a cela e ficavam por um período “x” e, se alguém requisitasse, um consulente comum, alguém ia lá, retirava e depois trazia o livro. Essa pessoa ficava com o seu espaço, um lugar na Biblioteca para tomar seu lanche lá, e ficava o dia todo aí. Eu me lembro de algumas pessoas dessas: Roberto Schwarz, me lembro, o jovem Roberto Schwarz. Aliás, todos éramos jovens, embora agora seja quase impensável isso – Emília Viotti da Costa, Carolina Bori, uma que foi diretora do SBPC¹¹, psicóloga importante, e várias outras

¹¹ SBPC: Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência



peessoas. Eu acho que o Wesley Dioclini¹² também chegou a ter. Enfim, muitas pessoas.

Hoje nós temos, então, uma possibilidade de retomar esses espaços, em que você terá naturalmente visitantes, pesquisadores ilustres, porque o mínimo que eles faziam era ajudar a criar um clima. Eu pensaria que se isso fosse retomado – e deve ser retomado. Deveria ter um horário, todos que estivessem presentes, e tomassem um café juntos, fornecido pela Biblioteca que, aliás, tinha um excelente café, era muito bom, e eu acho que ainda é. Tem que manter essa coisa, que é uma prática mínima, e quem quiser beber por aí fora, que vá beber ou coma numa série de lugares que se frequentava.

É bom dizer também que havia um mundo aqui a volta muito interessante. A Leitaria Americana, na Xavier de Toledo, a Vienense, onde muitos professores vinham aqui, mas, na verdade, da USP não vinha. Eu não vou citar nomes porque alguns deles são muito famosos e um deles está vivo ainda, e bem vivo, embora idoso. Chegavam aqui, avisavam que vinham à Biblioteca e, na verdade, iam namorar na Vienense, ou então iam na Livraria Francesa, que também era outra desculpa boa. E também frequentava-se o...

Sérgio Milliet... eu queria terminar com o Sérgio Milliet para responder mais perguntas, se houver. O Sérgio Milliet tinha um lado escritor. Quem dirigia a Biblioteca era a dona Adelpha. As bibliotecárias eram as “generalas” e, a mais interessante, eu repito, é a Maria Eugênia Franco. O Sérgio ficava escrevendo, isso é um pouco anterior, eu não peguei muitos anos. Vinha aqui, fechava a porta, resolvia as questões, chamava três ou quatro bibliotecárias, via o serviço, delegava e acabou. O professor Azevedo era diretor da biblioteca circulante. Ele resolvia todos os assuntos, fechava a porta, ninguém podia mexer, porque ele estava escrevendo, traduzindo. Ele usava bem a direção para delegar, porque tinha um quadro competente e dava diretrizes. Ele “diretorava” daqui para lá, de lá para cá. Recebia os grandes intelectuais no fim de tarde e, o resto, ele escrevia. Escrevia muitas coisas, uma delas foi traduzir a Simone de Beauvoir e o Sartre. Ele é o grande tradutor do Sartre, e no Sartre ele é melhor: amigos franceses binacionais que falavam: “Ler o Sartre pelo Sérgio Milliet...”, qualquer coisa, como ler *A questão*

¹² transcrição fonética do nome citado.



de Método do Sartre, traduzida pelo Bento Prado Júnior. O Sartre disse isso, disse: “Noto que aquele livrinho em português...”. *Question de Méthode*, a versão do Bento Prado é melhor que o Sartre.

Esse é o clima intelectual que eu vivi e não posso esquecer disso. Por outro lado, antes o Sérgio Milliet coordenou, a partir da Biblioteca Municipal, aqui nesse espaço, o I Congresso Brasileiro de Escritores, em 1945. Quem ler, eu dei uma nesga, um pedacinho dessa história toda. No meu *Ideologia da Cultura Brasileira* tem um sub-capítulo lá que eu descrevo um pouco a partir das Atas do Primeiro Congresso, que foi no fim da Ditadura, ele foi armado antes da Ditadura acabar. Havia o Manifesto dos Mineiros, que é bem mineiro, bem UDN nascendo, e houve o I Encontro de Escritores Brasileiros aqui. Foi uma coisa fundamental. Foi o grande congresso de oposição, mas uma oposição variadíssima. Então quem frequentou esse Congresso, quem visitou essa sala, eu ainda ouço as vozes aqui: o Caio Prado Júnior, o Aníbal Machado, que foi o presidente do congresso, aliás, Antonio Candido de Mello e Souza e vários outros intelectuais, inclusive, alguns exilados do Paraguai, da Bolívia, eu creio. Havia gente aqui, internacional. Havia um tom internacional, aliás, havia um tom cosmopolita aqui em São Paulo já, muito forte. Esses cavalheiros já foram todos muito cosmopolitas, circulavam bastante, exceto Mário de Andrade, que eu creio que viajou pouco, ou nada, não saiu do Brasil praticamente, só quando foi conhecer Jorge Luis Borges, em Buenos Aires, que ele foi diretor da Biblioteca Municipal de Buenos Aires, da Argentina. Aqui foi feita uma coisa muito importante, um encontro que marcou época, que era a saída do Estado Novo, e com pessoas da esquerda mais pesada, da esquerda mais leve, e eu não tenho certeza, agora não me ocorre, mas acho que o Monteiro Lobato, já estava no final, Monteiro Lobato, Mário de Andrade, também não sei se veio, já tinha falecido, não sei.

AE: Ele foi velado aqui na Biblioteca, o Monteiro Lobato.

CGM: O Monteiro foi velado aqui na Biblioteca. Eu precisaria ver, você me falando eu me lembro, ou melhor, eu sei, mas eu preciso verificar, ou ele veio ver o congresso ou mandou um telegrama, não tenho certeza. O Carlos Drummond de Andrade, que foi chefe de gabinete do secretário Capanema, também aderiu, só que



ele não veio, mandou telegrama, o que foi até gerando uma situação incômoda, porque o Carlos Drummond foi chefe de gabinete de um governo de um regime fascista e tal, mas cobrindo, era um homem muito perto da esquerda, ou na esquerda, perto do Partido.

Então foi nesse ambiente aqui que se inferiram e se escreveram coisas que estão nas atas. Uma das coisas que me lembro foi o Fontes de Miranda, um jurista que esteve aqui. Outro que eu me lembro, um dos participantes, que depois foi até para a direita (está em meu livro agora, depois precisaria recuperar um pouco isto), ele faz uma proposta, a dos escritores, que propõe ao país que está nascendo, que cada empresário, com o mínimo de cinquenta operários, deveria manter uma escola, uma creche e um ambulatório na sua empresa. Havia esta norma. Esse homem não era um homem muito à esquerda, mas eu me lembro que está nas Atas. Havia propostas fortes, sem falar das pessoas: Caio Prado Júnior, um homem do Partido Comunista, uma altíssima visão do país. Havia uma intelectualidade aqui, circulante, e nas várias comissões de legislação, ligada a condições de trabalho, ligada à Universidade, ao ensino. Houve um congresso e Sérgio Milliet era secretário desse congresso. Aníbal Machado era o presidente de honra e o Sérgio Milliet, esse homem discreto, firme, mas que esteve em várias dessas manifestações. Esse congresso dos escritores criou a Associação Brasileira dos Escritores, a qual se esparramou pelos interiores e depois tiveram vários congressos pequenos em Limeira, em outras cidades, Piracicaba, para difundir aquele clima político e intelectual. Eu acho que o Sérgio sintetiza muito disso.

Eu quero narrar, finalmente, uma coisa bem pessoal. Eu era um jovem universitário, tinha entrado no Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras e ainda continuava “secretarinho”, assistente aqui e um dia eu li no jornal – porque nós líamos muito esses suplementos literários –, que o Sérgio Milliet estava traduzindo *Os Sequestrados de Altona*, de Jean-Paul Sartre, uma peça de teatro importante e que virou filme. E eu tinha lido aquilo, estava na minha sala, ele veio, entrou e saiu com sua correspondência. Eu vou atrás dele: “Doutor Sérgio, doutor Sérgio, é verdade que o senhor está traduzindo *Os Sequestrados de Altona*, aqui para nós, do Sartre?”. Ele olhou para mim, estranhando, e disse: “Não estou sabendo não...”, virou e foi embora. Eu fiquei pensando assim: “Como eu sou



metido, meu Deus do Céu! Eu não tinha nada que falar”. Eu queria levar um papo com o Sérgio sobre *Os Sequestrados de Altona* de Jean-Paul Sartre, o qual não tinha lido também, porque não tinha saído. Mas isso também ele não fez com despeito, foi seu jeito de dizer, não sei.

Ao mesmo tempo, ele fazia coisas de uma pessoa, que tem de ser evocada, porque era fundamental. O nosso diretor da Livraria Francesa, Paul Montel, era fantástico. Homem do Partido Comunista, abrigou muita gente, deu emprego para muita gente e era grande amigo do Sérgio Milliet. Os dois afrancesados: o Montel era francês de fato, o Sérgio era afrancesado, suíço, essa coisa toda. Eles traduziram e discutiram muita coisa, traduziram muita coisa. Lembrar que nesse período fora feita a *História Geral da Civilização Brasileira*, com o Sérgio Buarque de Holanda. Então, nesse clima aqui, nesse quadrângulo, que vai da Rua Maria Antonia, a Biblioteca Municipal, o Jornal o Estado de São Paulo com o Suplemento Literário, a Livraria Francesa, mas sem esquecer jamais o Pari Bar. É isso.¹³

AE: Essa sua trajetória, como um intelectual que tem suas ideias, que escreveu vários livros sobre a ideia da Revolução, a *Ideologia da Cultura Brasileira* e hoje é um intelectual que trabalha com urbanismo, sobre a História de São Paulo, e está na Faculdade de Arquitetura, como é que essa trajetória aconteceu para o senhor? O senhor acabou de dizer que está repensando o Sérgio Milliet, uma figura importante que administrou um pólo importante de irradiação de debates na cidade de São Paulo, isso tudo está meio que relacionado?

CGM: É interessante você colocar dessa maneira porque eu nunca parei para ver esse caminho, assim de maneira tão... Se há realmente uma trajetória, se há uma descontinuidade, se há alguma ruptura, se houve inflexões... Inflexões com certeza houve. Eu acho que há um esgotamento, talvez, ao longo da minha vida, ao longo da trajetória universitária. A Faculdade de Filosofia, depois que saiu da Rua Maria Antonia, nunca mais foi a mesma, porque foi quebrada, na década de 1970, foram os institutos cada um para um lado, foram criados os institutos de Química, Física, de Geologia, agora de Educação. Todo mundo estava junto na Rua Maria Antonia,

¹³ Pausa.



bem ou mal estávamos lá com os filósofos. Eu sempre me senti muito paulistano, talvez porque meu avô fosse de Guaratinguetá, meu pai de Guaxupé e eu daqui da Rua Frei Caneca, da Rua do Lavapés. Então havia uma coisa de ter perdido a referência da cidade, a Rua Maria Antonia era muito cidade, a Biblioteca Municipal era muito centro, nossa musa ainda está aí em baixo, passei agora para vê-la, está aí, a estátua, havia vários apelidos, precisava lembrar de alguns.

AE: “Adoradores da estátua”?

CGM: “Adoradores da estátua”. Tinha uma geração mais velha que a minha. Eu sou de 1941, portanto, quando cheguei aqui, em 1960, já tinha por aqui os mais velhos, o Bento Prado, o Wesley, que vinha dos Estados Unidos, todo moderno. Encontrava também... Eu perdi a referência da cidade quando foi para a Cidade Universitária, nós fomos mandados para lá, perdemos o conflito aqui. Abreu Sodré teve um péssimo papel como governador, e ele chegou até a visitar a inauguração da OBAN, Operação Bandeirantes, como governador, isso está nos anais, está escrito. O nome da UDN, liberal, a UDN de Júlio de Mesquita Filho, que era um pouco melhor, embora tenham dado cobertura para 1964. Mas logo o *Estadão* se irritou e foi até censurado. O último editorial do Júlio de Mesquita Filho foi às vésperas da morte, *A Constituição em Frangalhos*, uma coisa assim, um dos títulos violentos.

Nós fomos para a Cidade Universitária e eu perdi a referência de cidade, não percebi quanto. Nós frequentávamos ainda, saíamos da Cidade Universitária e vínhamos jantar no Giggetto. Havia a “Universidade Riviera”, que é o bar perto do Belas Artes, ali, bem na esquina. Havia outros lugares que a gente frequentava: O Gato que Ri, aqui, no Largo do Arouche, etc. Nós frequentávamos, nos encontrávamos por aí. Nós saíamos à noite da Cidade Universitária e vínhamos nos encontrar por aí e então perdemos essa referência.

No Departamento de História, na Faculdade de Filosofia, nós ainda militávamos muito, fomos muito ativos. O Weffort ainda não havia dado aquele salto mortal dele, que só vôo de tucano pode fazer, que era ser secretário do PT e virar tucano, e não fazer nada no Ministério da Cultura, e não fazer nada nem pela Biblioteca Municipal e nem por nenhuma. Mas tinha, na Faculdade, Antonio



Candido, Florestan, fizemos muita força na congregação, com o Aziz Ab´Saber, figuras notáveis. Aziz Ab´Saber precisa ser ouvido sobre a Biblioteca Municipal, foi um personagem aqui também.

Em suma, a cidade estava longe, nós fomos postos fora do *campus*. Existem estudos nos Estados Unidos para provar que os únicos intelectuais que resistiram eram aqueles que frequentavam a cidade. Russell Jacoby tem um livro chamado *Os Últimos Intelectuais*.

Eu não tinha a ideia de que eu convivi aqui com os últimos intelectuais, dos quais o último grande intelectual foi o Sérgio Milliet. Isso para mim é um privilégio: eu vi o que era um grande intelectual desprezioso, interdisciplinar, multidisciplinar, generoso, atuante. Ele não fazia essa bandeira: “A SBPC...”, ele fazia as coisas, ele escrevia, ele escrevia no *Estadão*, na coluna dele, sistematicamente e eu estava na Cidade Universitária, presidente do centrinho *Taunay*, militávamos e tal.

Um dia eu procurei o doutor Sérgio: “O Departamento de História tem Tupi Guarani, Heráldica, estudo das moedas, Numismática, tem isso e aquilo como disciplinas e não tem Sociologia, não tem Economia, não tem Antropologia: o senhor não podia escrever uma coluna para nós, na sua coluna de ontem, de hoje, e sempre?” Ele tinha uma coluna lá a cada dois dias, três dias, e ele falou: “Sim, não tem isso, não tem aquilo”. Discretamente, uma semana depois saiu uma crônica dele, brutal, firme, dizendo: “Vi que tinha Tupi Guarani, tudo bem que “o petróleo é nosso”, mas não tinha isso, isso, aquilo...”. Ele faz uma crônica pesada contra o Departamento de História: “Vi o currículo lá e vi que não tinha...”, porque ele tinha tido a experiência da Escola de Sociologia e Política, onde ele tinha Antropologia, História, etc. Isso me custou muito no Departamento de História.

Eu não sou uma pessoa muito querida no Departamento de História porque fiz essas e fiz outras coisas. Depois, quando fui chefe, pus cinco professores para fora e fiz coisas, então, por isso jamais seria um professor emérito, jamais, da Faculdade de História porque eu mexi muito e estava ligado a Florestan Fernandes e a essa gente toda. Bom, pra sintetizar...¹⁴

¹⁴ Pausa.



CGM: O caminho, em primeiro lugar, que eu faço, da Cidade Universitária, a volta se deu sem eu perceber. E eu vim nos anos, depois que eu me aposentei, depois de trinta e muitos tantos anos de docência, sem contar que eu tenho docência também no colegial, eu lecionei um ou dois anos em colégio do Estado, no Cambuci, Colégio Roldão Lopes de Barros. Foi muito importante para mim essa experiência com o segundo grau. Eu lecionei para o segundo grau, doze, onze anos, treze, quatorze..., algumas das perguntas mais interessantes e mais importantes que já me fizeram como professor que já ouvi, e foram muito importantes, muito úteis. Nós usávamos avental também e eu ainda tinha uma *Vespa* e isso causava uma certa impressão também, ainda era no começo dos anos 1960 e tinha um resquício lá de um James Dean e um Doutor Kildare, você se lembra disso? Vocês não pegaram esses tempos. Professor de avental era o máximo, e era bom o avental, não precisava usar gravata, roupa social, e isso era muito interessante. Na Rua Maria Antonia nós usávamos, Florestan usava guarda-pó, e a gente usava meio para por cigarro. A gente fumava na sala de aula, era muito bom, fresco.

Depois que me aposentei em 1993, fui dirigir o Arquivo do Estado. Vi a destruição do Patrimônio Histórico: “Está chovendo no século XVI”, eu dizia para o governador de então, era assim um tipo de marginal, chamava Fleury, e eu dizia que estava chovendo no século XVI porque tinha verba para fazer muitos coquetéis, muitos, mas não tinha verba para as telhas do Arquivo do Estado. Eu briguei muito e consegui, com uma equipe que não era do Arquivo do Estado, recrutados no BANESER¹⁵, montar o projeto do Terminal do Tietê. E foi um grupo de muita briga, o projeto é nosso, é meu, eu coordenei o grupo, com estagiários, com gente muito brava e hoje esta lá um diretor bom, que é o Carlos, professor de História, muito interessante. Para sintetizar, eu não tinha percebido que eu precisava voltar para a cidade. No Arquivo do Estado eu percebi que eu estava convivendo com um gueto mesmo, com pessoas diferentes, lá da Cidade Universitária. Aqui tinha gente comum, a senhorinha que vinha ler jornal aqui na Biblioteca Municipal. No Arquivo do Estado tinha gente que vinha da cidade, da Rua Maria Antonia, Rua Caio Prado, os senhores que iam fazer pesquisa histórica, de curiosidade. Eu descobri o tal famoso “cidadão comum” que quer saber algumas coisas do passado e quer

¹⁵ BANESER: Banespa Serviços Técnicos e Administrativos



descobrir outras coisas da cidade também. Descobrir que a volta à cidade para mim era muito importante.

Depois fui convidado pelo Mackenzie, pelo Cláudio Lembo para ser... O Cláudio era curioso, ele foi reitor do Mackenzie e achava que o Mackenzie precisava acabar com esse negócio com o passado, dessa briga com a Maria Antonia. Ele me perguntou se eu topava, sendo do outro lado da rua, coordenar o programa de educação, arte e eu topei, não só topei como demiti umas cinco ou seis pessoas. O primeiro ato meu foi demitir cinco ou seis pessoas que estavam absolutamente ocupando lugares inadequadamente, certamente lugares de colegas nossos que trabalharam e militaram durante esses anos todos e se formaram. Esse meu lado Robespierre eu acho que não é do Sérgio Milliet, não, se bem que ele era bom de briga. Sérgio Milliet era bom de briga. Ele era um liberal, um liberal tranquilo, mas, quando tomava uma atitude, era muito firme, assinava manifestos – isso precisava ver depois. Então aí eu percebi que podia fazer um trabalho no Mackenzie e os arquitetos logo me chamaram. Eu vim para organizar a Educação, a pós-graduação de Educação, pós-graduação que não tinha de coisa nenhuma. Foi o primeiro programa considerado pela CAPES¹⁶, ousado, muito ousado, e aprovou: interdisciplinar, com arte, história da cultura, educação. Dirigi um tempo lá, com alguns professores. Trouxe o Arnaldo Contier, que, aliás, não me apoiou em projetos mais contundentes. Então eu fui chamado pela arquitetura e urbanismo porque os arquitetos e urbanistas sempre gostaram de História, muito, acham que a História é a base da Arquitetura e do Urbanismo. Para mim foi ótimo: eu dei aula, montamos o mestrado, montamos o doutorado. Foi aprovado o primeiro doutorado de uma universidade particular do país e o Mackenzie foi tirando essa marca de reacionarismo que ficou do conflito com a Maria Antonia, porque tinha o CCC¹⁷, tinha a direita, mas nós esquecemos que tinha uma esquerda também: Paulo Mendes da Rocha é formado pelo Mackenzie, Carlos Lemos é formado pelo Mackenzie, José Rezende é um grande escultor de esquerda, ultra-esquerda, o deputado que foi..., o Rubens Paiva é de lá, Fernando Gaspar e Ângela. Nós fomos descobrindo pessoas, tem uma cultura de esquerda que foi apagada. Com isso, imagine, o Cláudio Lembo,

¹⁶ CAPES: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

¹⁷ CCC: Comando de Caça aos Comunistas



eu disse: “Cláudio, nós vamos descobrir o outro lado”. E ele falou: “É por isso mesmo que eu te convidei”. Eu disse: “Eu atravesssei a rua, eu não vim como perdedor”. Foi muito interessante esse momento porque foi uma retomada, ele disse: “Precisamos colocar o Mackenzie no ar outra vez”.

Um dos seminários que fizemos lá, aqui, foi sobre Sérgio Milliet, com colegas como a professora Atique, Maria Luísa Atique, e deve estar gravado em algum lugar aqui. Veio Rodolfo Konder aqui, que era o secretário. Eu fui amigo do Konder, mas, no caso Herzog. Ele foi trabalhar com o Maluf e ficamos um pouco separados aí, porque não deu certo, não é bem a minha praia. Mas, para sintetizar, fizemos coisas para discutir do ponto de vista histórico, a cidade, as cidades, urbanização e urbanismo e, nas cidades, a arquitetura e a arte, fazer história da arte.

Aí eu mesmo descobri que o próprio Sérgio Milliet foi professor no Mackenzie durante um ano, em 1948, ou algo assim. Imagine, aula de Estética e História da Arte com Sérgio Milliet, que nunca foi professor, no Mackenzie. Estou falando em 1947, 1948 e eu começo a descobrir que existia uma constelação muito mais rica do que eu imaginava e que eu podia, e posso, dar uma contribuição com interpretações do Brasil, ser um historiador que interpreta o Brasil, dando um Caio Prado Júnior, dando um Sérgio Buarque de Holanda, dando Lourival Gomes Machado, sobre o Barroco, Faoro, e trazendo Florestan, porque todas essas figuras tinham interlocução com Villanova Artigas, com Paulo Mendes da Rocha, com os arquitetos.

Houve momentos que o diretor da nossa Faculdade de Filosofia era o mesmo da Faculdade de Arquitetura da Rua Maranhão. Eurípedes Simão de Paula foi diretor da Faculdade, então, dá o nome do nosso prédio de História e Geografia – grande liberal, um dos grandes fundadores, criadores da Faculdade de Filosofia, e foi professor, diretor da FAU¹⁸-USP.

Descobri várias coisas: que professores do outro lado da rua eram professores do outro lado e, sobretudo, que esses arquitetos e urbanistas tem perguntas para fazer ao historiador, muito específicas e muito fortes. Basta dizer que um livro que eu discuto muito, dois: *Casa Grande e Senzala* e *Sobrados e Mucambos*, já o nome diz que é de arquitetura, e aí vai uma reflexão que eu faço do ponto de vista, claro, crítico. Eu não sou *gilbertiano*, sou, no mínimo, *florestânico* e

¹⁸ FAU: Faculdade de Arquitetura e Urbanismo



millietiano, eu sou mais por aí, mas é uma outra leitura que me agrada muito. Eu próprio tenho um projeto com as cidades ibero-americanas, maior, e um específico, com a Cidade de São Paulo, historiografia da Cidade de São Paulo, que um dia eu gostaria de desenvolver aqui com vocês.

Então, esse lado, esse percurso, digamos assim, que eu até fui achando melhor o meu nicho, o meu espaço e elaborando uma atitude que talvez, na Faculdade de Filosofia, eu tivesse que ser... Durante os anos da Ditadura, eu não fui caçado. Eu, Emilia Viotti, Fernando Novais, Barradas de Carvalho, nós tivemos que ficar segurando, lá na História e, em outros setores, o Bosi, na literatura, o grupo do Antonio Candido, que ficou... O próprio Antonio Candido não foi caçado, ajudou muito num certo momento e depois se aposentou. Na Sociologia, o Gabriel Cohn, José de Sousa Martins, na Filosofia, Marilena Chauí e muitos outros. Então, eu quero fazer um dia a história dos que ficaram.

AE: Eu li inclusive ontem um texto que o senhor conta sobre a carta do Goffredo da Silva Telles.

CGM: *A Carta aos Brasileiros.*

AE: Isso, e conta exatamente esse trecho sobre os que ficaram e foram criticados posteriormente, pela esquerda mais radical, por não ter sido caçado.

CGM: Exatamente. E outros foram criar o CEBRAP¹⁹, e até com financiamento da Ford e tudo. Nós não fazíamos o que o CEBRAP fazia, quer dizer, o CEBRAP era a moda, o CEBRAP era a esquerda, o CEBRAP era chique, o CEBRAP era vanguarda e nós, da Faculdade de Filosofia, que estávamos não no *campus*, mas no “pastus”, como eu chamava, estávamos isolados do mundo, e levando pancadas com IPM's²⁰, com o serviço de segurança na reitoria. Eu me lembro que era chefe de Departamento e era muitas vezes chamado para denunciar um professor ou outro. Um outro professor, devo dizer, uma professora que era perseguida porque era

¹⁹ CEBRAP: Centro Brasileiro de Pesquisa

²⁰ IPM: Inquérito Policial Militar



judia, fui eu quem fui chamado: “Mas ela, aquela judia...”, ouvi críticas do serviço de segurança, “Ah, o Florestan Fernandes, Fernando Henrique Cardoso, essa esquerda toda”. Eu tive de segurar a barra de alunos e não podia contratar professores porque eram de esquerda. Alguns que eu formei, mestrado e doutorado, foram para a UNICAMP²¹, Edgar de Decca, Maristela Bresciani, muitos outros, não podiam entrar e nós brigamos ali dentro.

Essa história deve ser contada um dia, mas isso eu aprendi também: tenho dívidas, sim, com Sérgio Milliet, com Paulo Duarte. O Sérgio Buarque assinava todos os manifestos porque era preguiçoso para escrever, mas, o manifesto, nós contávamos sempre com o Sérgio Milliet. Todos os manifestos começavam com o seu nome. Manifestos contra a Ditadura, contra cassações, contra prisões de professores, começavam com os nomes Sérgio Milliet, Paulo Duarte, Sérgio Buarque de Holanda e etc, e, alguns deles, o Paulo Duarte ajudava a redigir – Sérgio Milliet, menos e o Buarque, nada, emprestava o nome. É curioso porque o Sérgio era o mais aberto e militante. Sérgio Milliet tinha recebido a poesia dos africanos, dos haitianos, amigos cubanos do Nicolás Guilhen, que, eu repito, conheci aqui na Biblioteca.

AE: Tem um texto do Sérgio Milliet que fala sobre a poesia negra, sobre os africanos...

CGM: Exatamente, mas o africano para ele era muito perto, não era o africano lá. Africano dele era muito perto. Devo dizer que, depois que ele morreu, e eu estava aqui ainda (não, eu vim aqui de fato, não estava trabalhando mais com ele), eu me lembro de alguns amigos, e um deles, que ficou abalado, era um engraxate negro que trabalhava nesta rua, ao lado da direção, e discutia política com o Sérgio, assim como estamos conversando aqui, só que não tratava o Sérgio por senhor, não, ele simplesmente falava: “Ô Sérgio, essa coisa do PTB não está muito... porque a esquerda...”, e ficava com a mão na cintura conversando com o Sérgio, e tal.

O Sérgio deve ter tido... O Sérgio era um homem muito amoroso e muito amado também. Depois que ele morreu, apareceram algumas figuras em busca do

²¹ UNICAMP: Universidade de Campinas



Sérgio. Uma delas foi uma personagem, eu não sei, uma mulher bonita, negra, alta, saltos altos, espiçada, e isso eu estava ainda aqui, eu vinha de vez em quando aqui para manter alguns contatos, e ela disse: “Sérgio não está?”, e foi-lhe avisado que o doutor Sérgio tinha falecido. Foi aquele abalo, percebia-se que havia uma paixão ali, que não era apenas um amigo perdido, percebia-se uma história mais funda, complexa, foi um abalo.

Ao mesmo tempo, o Sérgio tinha uma outra coisa que ele despertava nos jovens, ele fez muitas vezes aqui nessas vitrines exposições de poetas novos, novíssimos, que estão nos jornais hoje e alguns estão chegando aos sessenta, sessenta e muitos. Um dos poetas que ele publicou chama-se István Jancsó. O István foi diretor do IEB²², meu colega de turma. István era novo, novíssimo, bom poeta, parou e foi fazer História, política, foi preso, passou por problemas graves, tortura. E outros jovens daqueles poetas dos novíssimos, o Carlos Soviedo Amaral, seguramente, que pode dar um belíssimo depoimento sobre este outro lado do Sérgio. Então era um prestígio você entrar aqui e ter sua poesia editada, publicada na vitrine pelo Sérgio Milliet. Ele que era o patrono disso e fazia com muito cuidado. Também o serviço de artes fazia com muito cuidado, as poesias estavam expostas de maneira muito bonita. E teve muito mais gente, István, Soviedo, muita gente que não me lembro o nome. Tem esse do *Kaos*, que escreveu o livro sobre o caos, Mautner, Jorge Mautner. Teve uma gente muito interessante aí que era patrocinada pelo Sérgio Milliet. O livro do Mautner, aquele grande, *Kaos*, com “k”, por acaso, ele deu para o Sérgio Milliet, e o Milliet já tinha, da Editora (...). Eu fiquei chateadíssimo com o livro do caos do Mautner, que ele conta uma história que ele teve com a Maísa, fortíssima, não sei se ficção, numa praia: o dia nascendo e ele com a Maísa... eu lendo aquilo, e eu fiquei meio assim com ele...

AE: Não... Jorge Mautner com Maísa, não sei...

CGM: Mas é época, você sabe que com o tempo as pessoas vão mudando, tudo é possível. De toda forma, eu fiquei com muita inveja.

²² IEB: Instituto de Estudos Brasileiros



Então, tem essas coisas maravilhosas do Sérgio. Tem mais poetas que... Piva, Piva e toda essa geração Piva, e eu fico muito contente agora com um sobrinho meu, chamado Sérgio Cohn, que é o editor da revista da nova poesia, ele é fã do Sérgio Milliet. Parece que eu cresci no conceito do meu sobrinho, quer que eu faça uma coisa para ele na revista, na editora dele, a editora *Azougue*, essa coisa toda... Tem uma turminha nova, eu fico pensando que nem tudo está perdido, tem uma geração nova que é *millietiana*, tem alguns poemas do Sérgio que são muito bonitos, que são do *Cartas à Dançarina*, e fico pensando que são importantes. Alguém como Oviedo Amaral, talvez o próprio Francisco Alambert, que escreveu sobre *O Intelectual Oblíquo*, bonito título, não é? Fiquei com inveja, porque existem os intelectuais certinhos, os assistentes de Antonio Candido, os assistentes de Florestan e existem os oblíquos, não é? E eu só estou falando da turma boa, estou falando bem de todos eles, que os inimigos a gente quer... não existem.

De toda forma, essa coisa do intelectual oblíquo, porque o Sérgio Milliet é oblíquo, ele atravessa tudo o que estamos falando aqui: ele vai da poesia à pintura, a organização desse espaço que estamos aqui hoje. Isso aqui é um templo e eu fico imaginando essas vozes, ouvindo essas vozes. Ao mesmo tempo, você tinha os lugares aqui, o *Arpège*, o *Nick Bar*... o *Nick Bar*.

A gente estava falando do *Pari Bar*, mas tinha o *Nick Bar*, com músicas, onde vinha o Dick Farney cantar, e aí você descia para o *Claridge*, o *Claridge Hotel*, bem na entrada da Nove de Julho, que hoje tem um negócio desses de forró, que é ótimo também, mas... as paredes fechadas, as janelas fechadas com blocos. Mas lá tinha *jazz*, *Manhattan*, cachaças, esses hotéis todos que tinham esses *lobbys*, *loobys* que não serviam para fazer “lobbismo”, como o Zé Dirceu fez. Era outra coisa, *lobby* era para você ir lá, conversar, fazer política, namorar... Talvez nos últimos, nesse clima, um dos últimos tenha sido o Carlito Maia, que frequentou um pouco isso. Carlito Maia era uma personalidade importante dentro desse fim de época.

E, finalmente, talvez para falar desses arquitetos, eles gostam muito do Sérgio Milliet. Eu estou querendo inventar teses sobre Sérgio Milliet, sobre o Setor de Arte aqui, ele, as posições dele, que vem da plataforma da nova geração, mas que ele fez um testamento, precoce, em 1943, *Testamento de uma Geração*, que é um volume, e isso valeria a pena a Biblioteca editar, eu acho que comporta bem, são



entrevistas para o *Estadão*. *Testamentos de uma Geração*, que foi o Edgar Cavalheiro que fez, e o *Plataforma da Nova Geração*, que, no fim do Estado Novo, você tem três coisas que são fundamentais, e todas passaram por aqui, são documentos nacionais, e internacionais, *Testamento de uma Geração*, de Edgar Cavalheiro, ouvindo vários intelectuais de uma geração, tinha Afonso Arinos, que no fundo é a geração do Sérgio; Mário de Andrade não quis fazer o testamento, disse que não estava preparado, e depois fez aquele balanço brutal da Semana de Arte Moderna. Você tem esse *Testamento de uma Nova Geração*, e o Sérgio Milliet está muito bonito ali, é um depoimento magnífico, fala de tudo, até da Praia Grande, dos gatos, mas fala da geração da época, dessa visão que o Sérgio tem, suave da história, mas crítica. Eu acho que é aí que eu nasci, respondendo a sua pergunta. E depois tem *A Plataforma da Nova Geração*, que não é a do Afonso Arinos, do Sérgio, etc, do Gilberto Freyre, é a geração do Antonio Candido, aí você vê. E o terceiro documento, é este aqui, que é o I Congresso dos Escritores de 1945.

Com esses três aí, você joga uma luz fantástica no século XX, até porque você tem, nos depoimentos todos, você tem Luís Saia do Departamento Histórico, você tem Rubem Braga, que foi correspondente de guerra, você tem toda uma coisa que não foi só paulista. O Congresso foi realmente nacional e até um pouco internacional, com os exilados. Então, isto é, foi aqui, nós estamos nesse chão, foi aqui e aqui não foi um dos pólos, foi o pólo principal: não era a Faculdade de Filosofia, não era a Escola de Sociologia e Política, que eram importantes, não era o *Estadão*, que editou *Plataforma* e o *Testamento de uma Geração*, eu acho que reeditar esses textos, que eu acho que nem tem problemas de direitos autorais. Eu acho melhor, nem que seja uma edição que se faça em cem volumes, porque depois, se vai sair, e os congressos aí, e essas atas dos congressos.

Então essa história... O Milliet tinha uma outra coisa também. Eu me lembro que uma vez, nos anos 1960, nós, metidos da Faculdade de Filosofia, pensamento radical de esquerda da Faculdade de Filosofia, nós trazíamos, como o Sérgio Milliet era um intelectual livre, nós o víamos como essa crônica que abalou o próprio Sérgio Buarque, que não gostou muito, os catedráticos não gostaram, quando ele criticou o Departamento de História a nosso pedido, porque era Sérgio Milliet no *Estadão* e foi pesado, foi um torpedo no Departamento de História. Mas nós chamávamos outras



peças também: José Honório Rodrigues no Rio, que é historiador meio jacobino, questão nacional, relações nacionais, que era o que o Sérgio Buarque e os outros não falavam, da questão nacional. O Sérgio pensava o nacional e o mundo. Nós pensávamos a USP, a Maria Antonia e a oligarquia paulistana. Era o Alfredo (...), o próprio Sérgio Buarque não era um... ele não tem... fui aluno dele, uma pessoa simpática, boêmia, mas não tinha esse papel aqui, que hoje o PT²³ deu um “papelão” para ele, precisa relativizar isso. Mas nós chamávamos então o José Honório Rodrigues, que pensava a questão nacional. O livro chamava: *Aspirações Nacionais: conciliação e reforma*, então tinha aquele livro que tinha as contra-teses da História do Brasil, uma história de violência, história do povo castrado, sangrado. Trouxemos José Honório para falar, e falar no que é hoje o *Objetivo*, ali na Paulista, ele escreveu um livro de História, nós pedimos um artigo para a *Abril* e tal, e no meio veio a polícia, e o Sérgio estava na mesa também, Sérgio Buarque. O José Honório mandou..., cabelo branco, precoce, mandou brasa ali, jacobino, um liberal de esquerda, mandou uma brasa tremenda, não sei o quê. Depois nós saímos de lá, veio polícia, cercou e tal, a gente saiu e conversou e viemos aqui para o *Pari Bar*, mas antes iríamos levar o doutor Honório para almoçar, eu, e o István estava junto. O István todo... parece um Gérard Philipe, bacana, e nós entrávamos no *Pari Bar*, e vamos oferecer um jantar e tal, e era cedo, quatro horas, cinco horas da tarde, não dá para jantar. Vamos tomar um *drink*, esperar o jantar, não sei o quê. Aí o José Honório olhou para aquela mesa ali, todo carioca, arrumadinho: Sérgio Milliet e um outro, não sei quem era, já estavam, desde depois do almoço, já estavam a mil, e ele disse, José Honório, jacobino: “Como é que vocês em São Paulo conseguem trabalhar assim?”, como quem diz “só bebendo mesmo para...”, e eu almoçando e pensando: “Puxa, eu estou na mesa errada”, quer dizer, aquela seriedade do José Honório, militante, não sei o que, e o danado ainda morava em Ipanema, numa cobertura em Ipanema, então ele vem aqui para criticar a nossa modesta contribuição paulista, paulistana.

Então, para mim fica essa coisa, uma visão humanística, de esquerda, politizada. Ele lia muito, mas lia de uma maneira, não ficava recortando jornal, não ia fazer tese sobre isso. Ele fazia outras coisas, ele pegou todo aquele volume do

²³ PT: Partido dos Trabalhadores



Taunay, aqueles dez ou onze volumes sobre a história do café do Taunay e compactou aquilo em dois volumes. Ele falou: “Fiz aquilo em dois volumes”, como tinha feito o *Roteiro do Café*, trabalhos de História muito bons, um livro clássico o *Roteiro do Café*, mas ele falou: “Eu fiz tudo aquilo do Taunay”, ele brincava, “Daquela tonelada toda, eu fiz dois manuscritos”, que estão em algum lugar da torre de manuscritos, que eu não sei onde estão. Sabe que depois eu tentei procurar, com pessoas aqui, nunca mais eu vi. Imagina a obra do Taunay, em dois volumes, compactado por Sérgio Milliet, o que devia ser, o que deve ser. Devem estar guardado em algum canto. Não estão na biblioteca do Mindlin, não estão aqui. Devem estar aqui, devem estar aqui em algum canto. Isso é questão da gente colocar no esquema.

Então, finalmente, começo de primavera, sempre penso no Milliet, em vários textos dele. Um é sobre aposentadoria, um texto que abre o *De Ontem, de Hoje e de Sempre*, no volume dois, porque tem o *De Ontem*, o *de Hoje* e o *de Sempre*, que é uma coletânea de algumas crônicas dele e algumas coisas que estão no diário crítico, que foram compactadas aí, além deste volume que foi muito bem compilado pela Regina Salgado Campos, que conhece muito bem o Milliet, e é um livro importante esse, e o da primavera. Tem o da aposentadoria e o da primavera. Agora que estamos entrando na primavera de 2007, eu me pergunto (e me pergunto sempre): “Primavera, primavera, que me queres?”, de *Cartas à Dançarina*, muito bonitas, precisa ser reeditado. É isso.

AE: Está *ok*, professor, eu acho que qualquer dia desses a gente faz uma...

CGM: Faz falta isso, não é?

AE: Faremos uma segunda.

CGM: Ah, com certeza, seria um prazer. Mas poderia ser antes do final da tarde?

AE: Daria...



CGM: Aí daria para tomar alguma coisa, aí num lugar próximo, aí você vai ver o que vai sair... É uma coisa impressionante...agora, as pessoas...conviver...

AE: ...Pessoas ...

CGM: Bacana. O João Antonio, por exemplo, se viu uma vez o João Antonio... Ele vinha aqui algumas vezes e que ele era uma pessoa mais o que chamaríamos hoje de uma pessoa da periferia, então aqui devia ser o pudim, o centro, a elite, o *crème de la crème*. Então vinha o João Antonio aqui, mas já vinha sem gravata. O Sérgio usava gravata, eu nunca vi o Sérgio esportivo, mas ele usava *astracan*, soladão, ele era um europeu, mas um europeu de uma geração. O Carpeaux tinha isso também de vestir camisas escuras, também riscadinha, que é uma maneira de facilitar, não tem que lavar todo dia e ele pode usar dois ou três dias a camisa. Sérgio usava uns perfumes bons, eu acho que era isso que as moças...

AE: ...se encantavam...

CGM: Não sei, devia ter outros encantos, um romântico, não é?, mas um romântico da pesada, ele sabia como navegar, o Sérgio não andava, ele navegava. Primeiro que ele flutuava, ele era um homem que sempre estava com dois ou três livros embaixo do braço.

AE: Acho que essa referência que o senhor passou do Montaigne já explica tudo, não é?

CGM: Pois é, ele não andava aqui, ele levitava. Quando não andava, levitava, e era bravo quando brigava. Eu vi poucas brigas, ele dava ordens. Ele dava uma ordem seca, gentil, mas firme. Você não tinha como... e teve coisas, você imagina, simpaticíssimas, imagina um cara desses e eu de vinte poucos anos, e pouquinhos, ele era da Academia Brasileira de Letras, que já foi melhor... ele não levava muito a sério isso. E ele falava: "Pois é, agora eu vou ter que fazer a saudação ao Sérgio Buarque de Holanda, você é aluno dele, não é?". Eu disse: "Sou", ele disse: "Olha,



posso te pedir uma gentileza? Amanhã eu te peço”. E fez um texto, imagina... eu estou falando de Sérgio Milliet e de Sérgio Buarque de Holanda e de um garoto de vinte e dois, três anos. Eu sentadinho ali naquela mesa da entrada, ele dizia: “Você pode passar os olhos para mim, para ver se corresponde, o que você acha?”. Era um texto dele: uma saudação para Sérgio Buarque de Holanda, da Academia Brasileira de Letras. Mas, quando é que um colega meu recém-entrado na faculdade, que seja, ou uma jovem que seja..., mas ele, vai pedir opinião assim? Vai pedir opinião coisa nenhuma, nós damos opinião! Quer dizer, essa coisa eu aprendi com o Sérgio, essa humildade. Você dá texto para alguém em uma editora e diz: “Por favor, me corrija”. E ouve: “Mas, professor, tem gente que não gosta na sua Faculdade”. Essas coisas, eu adoro ouvir dizer o tal negócio: “essa crase não existe”, ou então, “veja se está bom o tom”, porque revisor é revisor. “Tradutor dá para conversar, mas revisor”... eles vão... então, é uma coisa pseudo-oligárquica, aristocratiquinha, que esses *millietianos* todos não tinham, eram de uma humildade profunda, densa. Disso eu sinto muita falta, muita falta. Eu converso muito com as pessoas que eu orientei, que eu oriento, várias fizeram doutorado, para ver se baixa um pouco, baixa o foco, baixa, baixa, baixa...

AE: Menos, não é?

CGM: Menos. Eu tenho um colega, eu não vou dizer o nome dele, é o Nicolau Sevchenko, que você pode ligar, todo mundo liga... não está gravando, não?

AE: Não tem problema...

CGM: É verdade, você o conhece. Você consegue falar com ele no telefone? Ninguém consegue.

AE: Ninguém consegue, é a esposa dele que resolve tudo para ele.

CGM: Tomara que seja. O fato é que você precisa falar, ou um convite, ou o aluno que precisa de orientação e está em Londres, Nova Iorque, *Brooks*. Poxa, isso é



serviço público, meu! Imagina um médico no pronto-socorro, eu tenho um papel igual, o cara está na agonia da tese, meu celular está aberto. Eu ponho na lousa o celular, porque não é possível. O Sérgio Milliet não tinha, mas você sabia a hora que o encontrava. Era aqui ou no *Pari Bar*, e ele atendia. Ele atendia muitos jovens, e isso é outra coisa que eu esqueci de falar. Tínhamos cada menino, jovem, na poesia... entendeu?, original, não sei o quê. Nós perdemos, nós perdemos.

AE: Acho que o Departamento de História ficou muito com essa coisa aristocrática, de professores inalcançáveis, você não consegue chegar nunca.

CGM: Ah é. Não, não, eu recebo queixas toda hora, e eu ligo às vezes, falando que fulano vai te procurar, dou cartinha, dou cartão: “Vai te procurar, por favor, dá um tratamento legalzinho”. Não, não...

AE: Eu lembro que o professor Arnaldo Contier metia o pau em tudo isso.

CGM: Mas às vezes também é uma briga com ele.

AE: Bom...

CGM: Eu conheço, puxa, trabalho com o Arnaldo direto.

AE: Da última vez que eu liguei, mandou falar com a esposa.

CGM: Ah, com a esposa, sim. Você pode ligar para...

AE: Mas isso faz tempo.

CGM: Não... é demais: vários deles não guiavam nem automóvel, não pagam conta de luz, não sabem que você tem que pagar conta de luz! A mulher que faz...a pobre *Escrava Isaura*, a *Amélia*, “tá louco”.



AE: E...professor foi ótimo, muito, muito bom.

CGM: O Sérgio... olha, eu gostaria de continuar falando dele, e eu acabei lembrando coisas que eu não tinha... Ele recebia jovens aqui.

AE: Ele recebia tranquilamente?

CGM: Sim, e começo de carreira, poxa, e é o Sérgio Milliet. Depois, com a Ditadura, a gente ficava intrigado, Sérgio Milliet da Costa e Silva, mas não é, tem outra família, sem relação.

Eu acho que se juntar... olha, tem muita coisa do Sérgio, muita coisa, que não tinha que fazer currículo Lattes, essas coisas, barbaridades, recadastrar, não sei o quê... O Sérgio deve ter muita coisa que a gente nem faz ideia. Ele tem... Sangor, meu amigo Leopoldo Sanghor, não era amigo assim de ficar na bazófia, ele era muito antibazófia.

AE: Eu vou fazer uma pergunta sobre Sérgio Milliet que me veio na cabeça, mas eu posso estar falando muita bobagem: ele tinha algum contato com o Miguel Reale, Ferreira da Silva?, porque eles são ...

CGM: Olha, que interessante, eu nunca pensei nisso. Miguelzinho é meu amigo particular, falamos ontem também. Eu posso perguntar. Eu não tinha essa ideia de que fosse...

AE: Porque eram os intelectuais que estavam também à margem da universidade...

CGM: Eu acho que ele tinha um grande amigo, aliás eu tenho um livro, Luís Washington Vita, que era dessa turma, dessa turma filosófica do Milliet.

AE: Filosofia?



CGM: Vicente Ferreira. Vicente Ferreira que tinha uma briga com Cruz Costa, odiava o Cruz Costa, tinha uma briga para lá. Mas eu acho que o Milliet, o Sérgio, acho que ele teria sim, ele convivia bem com... ele era... tinha a posição firme dele, mas não era um intransigente, não. Talvez fosse ao limite de algumas questões, por exemplo, salazarista... Nossa, ele assinou muito manifesto anti-salazarista. Nossa, muitos, eu participei, eu participei: mexia com a oposição portuguesa aqui, bastante, nós recebíamos o...

AE: o Joaquim Barradas?

CGM: Joaquim Barradas foi meu irmão mais velho. Você não conheceu o Barradas?

AE: Não, não conheci. Leva o nome na sala...

CGM: Eu fui seu aluno, Departamento de História, não tinha apoio, nem ele, nem Caio Prado. Eu venho com o martelo e prego, eu mandei fazer as placas, eu paguei as plaquinhas e falei: “Não é possível que tenha Fernand Braudel que nunca veio aqui!”, e eu falava, “Nós, aqui, na Argélia. Isso é colônia!”. Eu fiz conferência e eu disse: “Nós aqui da Argélia cultuamos...”, e eu fiz. Tem a minha cadeira lá, que foi fundada pelo Braudel. Eu vi o Braudel uma vez na vida, ele nunca mais voltou. Esse é um homem que andava de luvas brancas e que aqui dava aula para a elite, não entrava numa sala... Proust! É um anti-Milliet. “Quem leu o Proust em francês?”, ele dizia, “Quem leu o Proust? Vocês querem continuar imbecis?”, falava isso, depois tirava a luva, e luvas brancas e...não dá, isso aí não dá. Isso não é muito Sérgio Milliet, então isso não dá. Vicente Ferreira da Silva era meio “maldito” para a Faculdade de Filosofia.

AE: É muito maldito.

CGM: E não sei se é tão interessante assim. Eu li as coisas dele e não vejo nada assim tão espetacular. Tinha o Crippa, o Padre Crippa, daquele grupo daquela revista, não me lembro o nome, aquela revista importante, na época da direita,



dessa direita. Luis Washington Vita, ele era o menos à direita, ele não tinha uma perna... ele vinha aí e ia muito à sala do Sérgio Milliet. Eu tenho um livro do Luis Washington Vita que ele deu para mim e outro para o Sérgio. Sérgio pegou, olhou, mas era um sujeito interessante o Luis Washington, pensava o pensamento brasileiro.

AE: Tinha preocupação.

CGM: E tinha muita gente, ele era amigo do Bastide, do pessoal melhor, francês. O Paulo Duarte era mais amigo do Lévi-Strauss, essa coisa mais..., mas o Sérgio Milliet era essa coisa mais Bastide.

AE: Roger Bastide escreveu muita coisa para o Boletim Bibliográfico, tem muito texto dele.

CGM: É, esse aspecto, que eu não conheço muito bem, gostaria de conhecer, por isso eu te pedi, eu tinha te pedido a coleção toda do Boletim Bibliográfico.

AE: Eu li aqui e pensei: “Será que é isso? Não, deve ser só essa...”.

CGM: Eu queria muito, porque o que saía, nos anos, depois, era meio chato, quando entrou Seu Azevedo e tal, era meio chato. Mas eu noto que antes tinha muita coisa boa. Então era uma coisa importante.

AE: Esses antropólogos todos da Escola de Sociologia e Política escreviam direto para a revista, tem bastante texto deles.

CGM: Tem, tem, porque você também não tinha grandes publicações, Revista do Instituto Histórico, revista do não sei o quê, Revista do Arquivo Municipal, que é boa.

Eu gostaria que a minha pergunta, já agora ao contrário: quais são os fundos de memória aqui? – documentos, congressos, fotos... Teve muita coisa, gente que passou, mesmo, os quadros, essas bibliotecárias. A Biblioteconomia do Mackenzie

foi feita pela dona Adelpha, que foi “general” em Washington, dona Adelpha Figueiredo. Aliás, dona Adelpha Figueiredo, acho que se formou pelo Mackenzie.

Então, você estabelecer esse tecido todo, esse tecido vai revelar algo muito mais denso, articulado, eu pensaria em um sistema cultural mesmo, muito sólido. O próprio *Taunay*, que eu era presidente do centrinho... , eu detestava o *Taunay*, ficou *Centro de Estudos Caio Prado Junior*. Eu fiz dois movimentos para tirar o nome do Taunay, só que *Taunay* já era uma grife, e o anfiteatro de... Fui chefe de Departamento e não consegui tirar o nome do Braudel, o nome do Braudel na minha cadeira, fui assistente do assistente do Braudel, o França, um falso liberal. Todo mundo fala: “Oh, o liberal”, Fernando Novais falava: “França”, Laura falava: “França”. Olha, eu penso isso...

AE: O senhor foi orientando dele, não é?

CGM: História Moderna e Contemporânea. Ele falou: “A verdadeira História é a Moderna, Contemporânea é Jornalismo”. Eu falei que então ia ficar com o Jornalismo. Puxa, eu vivi isso! Acho que esse depoimento, a Faculdade de Filosofia precisa fazer um dia, mas sem ficar com “xoguns e samurais”, eu estou fora, mas isso aí precisaria ser feito. A verdadeira História, porque fica o pessoal cultivando, cultivando... Mesmo o Sérgio Buarque, eu não tenho uma visão estereotipada... um grande escritor...

AE: Rever a historiografia.

CGM: Rever a historiografia e rever a institucionalização da historiografia. Vou dar um exemplo: Maurício Tragtenberg, todo mundo conhece, eu propus, na minha cadeira, com França, Fernando Novais, e Arnaldo Contier, tive um voto, o meu, para Tragtenberg: “Ah não, ele já tem cabeça muito feita, aquelas coisas bibliográficas chacoalham muito ele”. Então, esses guetos universitários... Eu estou me preparando, assim que terminar esse livro, estou me preparando para fazer uma crônica da Maria Antonia, da Faculdade de Filosofia – a institucionalização do saber, como é que fica? Às vezes, em nome do marxismo, em nome da esquerda, em nome do sistema colonial, me expliquem por que Caio Prado não foi professor da



Universidade de São Paulo, do Departamento de História? Se alguém me der uma explicação cabal, passa por todo mundo, por todo mundo, inclusive pelo França, pelo Fernando Novais, pelo Sérgio Buarque, me explica? Há uma razão, eu quero saber.

AE: O Oswald de Andrade, que também recusaram.

CGM: Também..., pelo menos aí houve concurso, alguma coisa. Mas, o Paulo Duarte não deu aula e várias outras pessoas. Hernani Silva Bruno não ter um lugar na Universidade de São Paulo? O Luís Saia? Sérgio Milliet? Puxa, Sérgio Milliet é um homem da literatura, por que não chamá-lo, ou quem fosse? Pois é, essa história é muito dolorida, para se mexer com figuras que estão ainda aí. O problema não é o Antonio Candido, são os “antoniocandianos”: “Eu sou ‘antoniocandiano’”, personagem do meu livro, adoro, fantástico. Mas o sistema de poder é... Você estava me perguntando sobre o Vicente Ferreira da Silva, não é? Por que na Filosofia lá tem uns cinco medíocres e não tem o...?

AE: É...

CGM: É complicado. O dia em que nós fizemos essa história...e vai ser feita, viu? Eu acho que as pessoas novas, que vêm fazendo pesquisa, re-elaborando essa memória, eu tenho essa impressão de que vai ser feito. A UNICAMP também já está cheia de vícios que vai precisar tirar, e vícios de origem, que eu conheço. Para fazer a placa de Caio Prado Júnior... Olha, eu tinha sido eleito por professores, funcionários e alunos, foi aí que aproveitei para botar cinco caras para fora. Tive telefonemas. Dia de Natal, era um inferno em casa, vinham pelo menos cinco telefonemas que eu não sei de quem, anônimos, dizer para as minhas filhas para dizer o que era o pai delas. Eu acho que não é assim, mas é uma guerra, tranquilo, sabe-se lá do quê. O que não se sabe muito bem é por que os novos, essa é a minha grande questão: abrimos concursos para pós-graduação, porque antes era indicação, e os novos vieram, se instalaram, modernos e pós-modernos, e andam mais ou menos como coronéis que, de terno branco, já jogam o professor:



“Professora da USP, não precisa atender” – os coronéis fazem isso na praça, de domingo, do cacau, ostentando seus títulos de coronel. Então, é isso que eu pergunto, que sociedade é essa que perdeu a tradição do pensamento radical, que vem para mim, sobretudo de um Florestan Fernandes?

Essa é uma questão difícil, doída. Mas eu pretendo..., mexer não vai dar para mexer, mas eu pretendo escrever, e dá para escrever. Perguntar pode, perguntar não ofende, é uma coisa meio tristonha. Da nossa geração, a mais radical mesmo foi Heleni Guariba, que foi teatróloga, do nosso grupo. Ela vinha aqui de vez em quando e ela perguntava: “Carlos, você que tem a Biblioteca nas mãos...?” Puxa, mas eu não estava nem em militância nenhuma, ela era de esquerda, tal, teatro, eu estou te falando em 1964, 1965, 1966: “Você que está na Biblioteca, você não pode fazer...?”, e nós usávamos espaços aqui. O pessoal da História Nova do Rio de Janeiro veio aqui – e eu não gostava do Nelson Werneck Sodré, tenho uma cisma, assim – mas a turma dele veio, veio muita gente aqui. Faziam congressos aqui da História Nova, estou te falando de 1962, 1963, e foi uma molecada, uma coisa bacana, interessante, marxismo, muito marxismo, imperialismo. Hoje não, hoje é globalização, genérico, essa coisa. Sérgio Milliet via colonização, descolonização, tinha uma teoria sobre isso. Talvez escrever sobre o conceito de História de Sérgio Milliet, dá um bom trabalho. E tem gente mexendo em outras áreas, tem esse livro, da Lisbete, sobre Sérgio Milliet crítico de arte, e tem outro que foi sobre os cem anos de Sérgio Milliet, foi feito um volume bom, mas você precisa compactar isso. Quem daria um bom depoimento, seria o Antonio Candido também.

AE: Estão tentando...

CGM: Ele fez um belíssimo prefácio do Diário Crítico, falando do homem-ponte. Só que eu acho que foi mais ponte ainda do que o Candido mesmo, 1922, a turma dos re-descobridores do Brasil dos anos 1930, novos, que é o Candido e geração, e os novíssimos. E eu estou vendo agora que estou conversando sobre o Sérgio Cohn, supernovíssimos, está com trinta e poucos anos e está descobrindo Sérgio Milliet. Não sei se vai, não sei se vai haver teoria da História que dê conta de dizer para essa novíssima geração que não há uma teoria da História que dê conta, que há



uma que está embutida aí dentro do pensamento do Sérgio. É isso, não sei se foi útil, mas é a ideia.

AE: Foi lindo.

CGM: Fico contente de fazer uma homenagem carinhosa a ele.

AE: Foi muito bom professor, a gente vai ter que marcar depois muitas vezes.

CGM: Com certeza, com certeza, e outras pautas que precise também, porque eu estou re-mapeando, estou reescrevendo, vai sair uma nova edição do *Ideologia da Cultura Brasileira* pela 34, eu estava fazendo exatamente esse novo prefácio para essa nova edição, porque esse livro teve uma história complicada, brigas e afetos fortes, mas que mexe com o tema da cultura brasileira.

Eu vejo outros novos colegas falando da cultura brasileira como uma coisa tão redonda, tão reorganizada, parece que é um sistema ideológico muito forte, é uma noção, uma ideologia muito forte e cada vez que o abismo social aumenta, parece que precisa fortalecer o laço de que nós somos um grande quadro, porque somos todos brasileiros.

AE: Mas é por isso que eu acho que esse livro do senhor é mais atual, continua sendo super atual.

CGM: Eu precisaria mexer, eu precisaria trazer de 1975 para cá, eu parei exatamente na Revolução Burguesa e, quando sai *Os Donos do Poder*, do Faoro, que são dois livros de denúncia, *A Revolução Burguesa*, do Florestan, eu precisaria puxar para cá. Agora, o puxar para cá é para, na verdade, lamento dizer, eu tenho muito material pra isso, mas Florestan Fernandes e outros, Silviano Santiago dizem que o livro está datado, que eu não deveria mexer: “Deixa assim”. Eu queria mexer, tenho material, mas acho que seria outro livro. E acho que seria para reiterar que aquele modelo autocrático burguês continua em vigência, as medidas provisórias que foram feitas aqui, todas essas negociações, a conciliação com “C” maiúsculo



está presente, todos os ingredientes de 1974, 1975 e tal estão aí e, já falei, está tudo aí, Sarney e todos. Eu não estou apontando as pessoas, eu digo um sistema ideológico, e um grande responsável pelo fortalecimento, reestruturação, não rompimento, desse sistema ideológico se chama Francisco Correa Weffort. Eu lamento dizer isso, que foi da minha Faculdade de Filosofia. Foram oito anos de Fernando Henrique, de Cultura, onde havia uma possibilidade de se criar, no mínimo, *millietianamente*, no mínimo, criar novos horizontes, abrir de outra maneira para a África, sei lá, para a América Latina e outras coisas.

AE: Não foi, não.

CGM: E para a cultura, para uma nova teoria da cultura precisa ter um homem, e não foi o Weffort, com quem eu convivi tanto na Faculdade de Filosofia Ciências e Letras e depois da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Então é uma pena, um que está com as ideias fora do lugar, o Roberto, que está aqui; o Weffort está lá, e estamos derrapando. Então, o livro, lamentavelmente, continua atual. Eu preferia que não tivesse ficado datado, mas ficou. Mas vamos fazendo outras coisas, não é? Está bom?

AE: Está ótimo.

